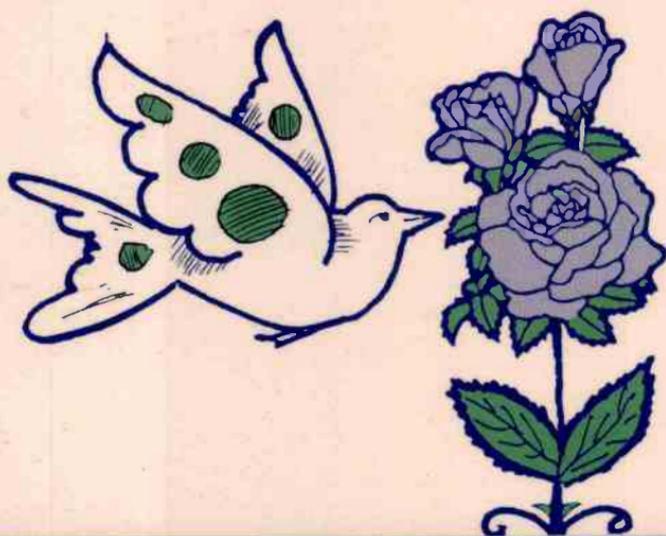


Márcio Catunda
José Alcides Pinto
Mário Gomes



TERNO DE
POESIA



Tendo a seu crédito uma produção literária bastante expressiva usando preferencialmente o instrumental da poesia, Márcio Catunda reaparece com “O Encantador de Estrelas”. Essa nova coletânea de poemas é precedida de “um estudo de lírica e misticismo à luz do tarô”, de Pedro Etchbarne, novidade de análise decifratória mais inclinada para o universo antropológico, para que a filosofia das formas simbólicas, a que se filiam as teorias da literatura. Apresenta esta última visão estética o comentário da professora Maria Isabel Brunacci.

Tidos como ponderáveis ambos os enfoques críticos, outros que venham a escrever sobre a poesia encantatória de Márcio Catunda haverão de revelar novas facetas do seu talento criador, alargando a plumagem significativa dos mitos, símbolos e metáforas que a sua linguagem diversificada encerra. Entretanto, configurando a deslinde de semântica, mediante a transfiguração, desses elementos, essas intenções aferitivas estarão correndo o risco das acepções decifratórias, gerando uma polivalência nem sempre concebida pelo autor.



Mário Gomes sobreviveu a duros tempos, poeta de têmpera popular, atravessou os subúrbios com seus “Lamentos do Ego” numa clara opção pelo verso intimista fora das circunstâncias. Mas o poeta foi longe inventar poesia. Rio de Janeiro e Bahia onde fez fluir sua essência baudelairiana pelas noites entre becos e amantes. Ali o verso do poeta ficou **pirado** e num vôo interior foi até junto do Deus dos Deserdados. Depois a volta à sua amada Fortaleza.

Dessa intensa gestação de vivências veio o segundo livro: “Emoção Poética”, cheio de força estilística confirmando seu amadurecimento literário. A dimensão elegiaca de sua poesia reaparece em “Resquícios de uma Passagem de Vida”. E mais longe ainda quando em parceria com Márcio Catunda editou “Devaneios e Lamentações” onde se fundem o místico e filosófico na sua literatura.

O poeta agora parte para mais uma seleção de poemas chamada: “Além do Infinito”, quer dizer para nós, “Além do Convencional”, totalmente nú diante da lira inesgotável de sua poesia.

Guaracy Rodrigues

José Alcides Pinto não é um cidadão empedernido, desses que só têm olhos e ouvidos para as fulgurações utópicas da realidade urbana. Ele conhece as sendas e caminhos dos deserdados, cada palmo da caminhada solitária dos que vão “sacudir o pó da miséria no solo encarnado do vento”.

O poeta não se desvia um instante sequer da missão que se impôs. Tem consciência de que o poema pode transformar-se num punhal de fogo, em algo que incendeia e refrigera, como esses veios indomáveis que brotam das entranhas do deserto.

Francisco Carvalho



Para o escritor Wilto
Maciel, a parte que me
foi. Fortaleza, 13-9-95

— Lourenço de Deus Pinto

TERNO DE

POESIA



Márcio Catunda
José Alcides Pinto
Mário Gomes

TERNO DE POESIA

Editora Oficina

FORTALEZA - CEARÁ 1995

© 1995

CAPA E ILUSTRAÇÕES _ Audifax Rios

COMPOSIÇÃO _ Elenilson Bittencourt

Emerson Shiguemitus

REVISÃO - Susana Morais

IMPRESSÃO - Gráfica São Benedito

Rua 25 de Março, 429

Centro. Fone: 231.68.83

Cep - 60060-120 Fortaleza - Ceará

EDIÇÃO - Editora Oficina

Rua Gonçalves Ledo, 197

Praia de Iracema - Fone: 226 1965

Cep - 60110-260 Fortaleza - Ceará

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

C 369t _ Catunda, Márcio.

TERNO DE POESIA - Márcio Catunda, José

Alcides Pinto, Mário Gomes.

Fortaleza: Ed. Oficina, 1995

96p.

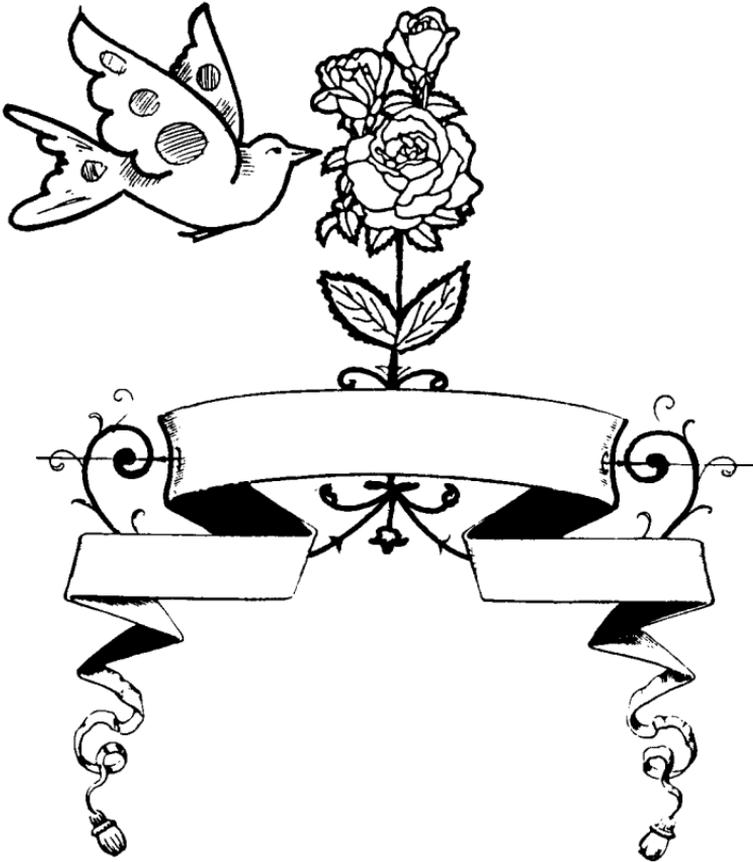
1 - Poesia Brasileira. I - Pinto, José Alcides.

II - Gomes, Mário. III - Título

CDD: 869-91



MÁRCIO CATUNDA



ROSAS DE FOGO



Márcio Catunda nasceu em Fortaleza, a 22 de maio de 1957. Filho de Orzete Ferreira e Zenilda Catunda Ferreira Gomes. Bacharel em Direito em 1985 pela Universidade Federal do Ceará. É autor dos seguintes livros: POEMAS DE HOJE, 1976 (parceria com Natalício Barroso Filho); INCENDIÁRIO DE MITOS, 1980; NAVIO ESPACIAL, 1981; ESTÓRIAS DO DESTINO E DA PERFÍDIA, 1982 (contos e poemas); O EVANGELHO DA ILUMINAÇÃO, 1983; A QUINTESSÊNCIA DO ENIGMA, 1986; PURIFICAÇÕES, 1987; O ENCANTADOR DE ESTRELAS, 1988; SERMÕES AO VENTO, 1990; SORTILÉGIO DO MARTÍRIO, 1991; DEVANEIOS E LAMENTAÇÕES, 1991 (parceria com Mário Gomes); LOS PILARES DEL ESPLENDOR, Lima, Peru, 1992; LHAVE MAESTRA, Lima, Peru, 1994 (parceria com Eduardo Rada, Eli Matin e Regina Flores), e A ESSÊNCIA DA ESPIRITUALIDADE, Lima, Peru, 1994 (ensaios filosóficos). Reside atualmente em Genebra, Suíça.

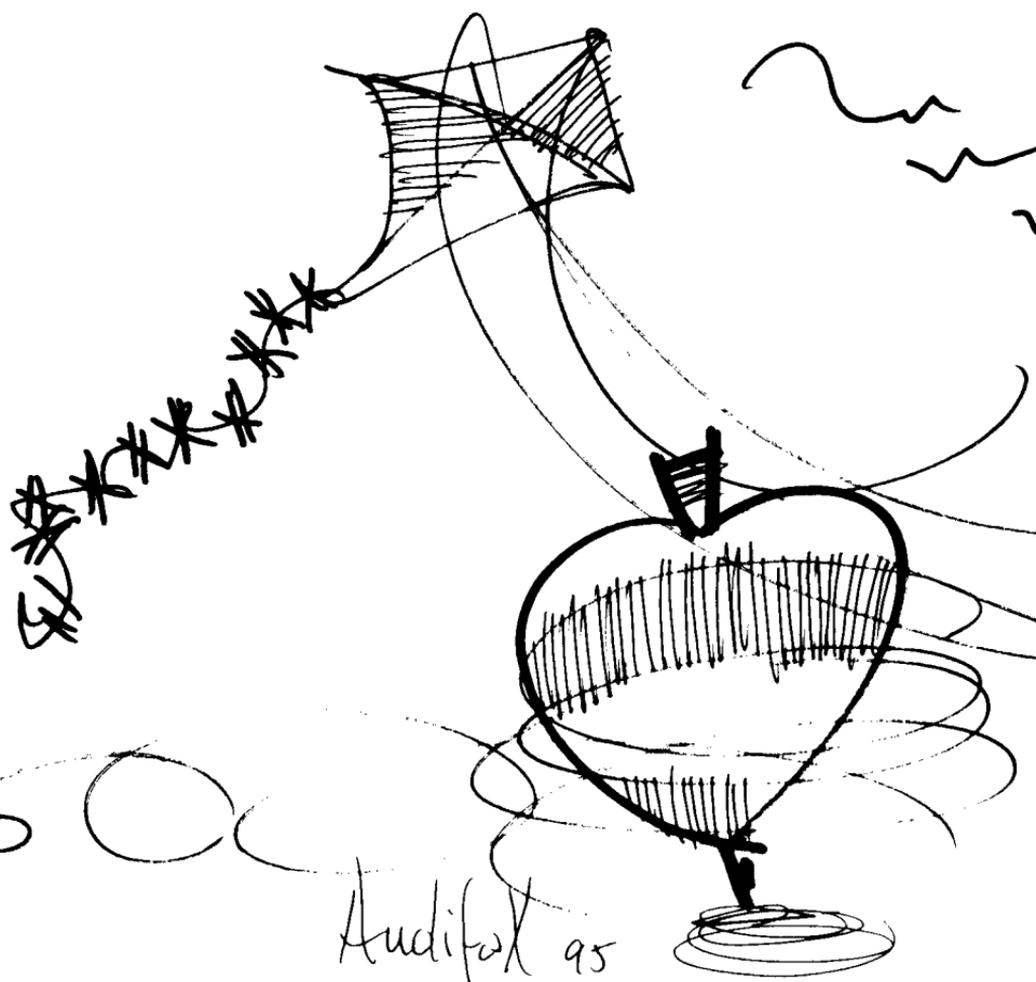
| | |
|------------------------------|----|
| RUA CARLOS VASCONCELOS | 9 |
| VISÕES DO CAOS | 11 |
| TRÉGUA | 12 |
| TRISTEZA | 13 |
| O ANJO VINICIUS GABRIEL..... | 14 |
| MEDITAÇÃO TÃOÍSTA | 15 |
| ROSAS DE FOÇO | 17 |
| SALMO | 18 |
| FUTURO | 19 |
| NO REINO DOS CAJUEIROS | 20 |
| LEMBRANÇA DE AMIGO | 21 |
| PASSEIO URBANO | 22 |
| DESCOBRIMENTO | 23 |
| ODE À BICICLETA | 24 |
| ABSURDO | 25 |
| ILAÇÃO PARIPATÉTICA | 26 |
| NOITE CEARENSE | 27 |
| ITINERÂNCIA | 28 |
| ALMA -AR | 29 |
| PALAVRA | 30 |
| NÚMEROS | 31 |
| CRÔNICA ORTODOXA | 32 |

RUA CARLOS VASCONCELOS

A Rubem Amaral Júnior

A tarde de domingo tem sabor de infância
mas só as árvores ainda se lembram de mim.
Desde que parti,
o fim do século arqueja sobre os telhados
e o espanto desfigurou a rua
como o rosto do menino nas esquinas de outrora.
Busco o que restou de mim
nos remoinhos que carregam a juventude
na poeira dos caminhos de antigamente...
Vejo-me nos meninos de agora,
mas os que tinham meu rosto são já os do passado.
Onde a calçada em que descobria meus brinquedos?
Onde a casa de meu avô, minha casa?
(Volto sempre em sonhos à casa que já não existe,
mas existe muito mais agora,
só porque foi demolida
e posso vê-la mais real que se estivesse ali).
Onde o caminho de aventuras do mar?
e o castelo em ruínas?
e o desvanio da Praia do Ideal?
Cerraram horizontes.

Mudou-se o amigo que morava em frente
adiante semearam um edifício.
mas a rua ainda guarda o mistério daqueles jardins
e ainda resta um requício de humanidade na Aldeota.
Mas, rua Carlos Vasconcelos,
vê o que fez de nós o vento da mudança!



VISÕES DO CAOS

A Eduardo Rada

Oculista cego ganha prova de tiro.
Dentista vende a própria dentadura.
Atleta paralítico bate record.
Suicida-se autor de "Lições de Felicidade".
Onanista impotente estupra hermafrodita.
Assalto a quartel - era a polícia.
Pacifista agride ancião.
Corrupto escreve obra moralista.
Milionário pede esmola.
Campeão de natação morre afogado.
Aumenta índice de insalubridade médica.
Mendigo empresta dinheiro.
Tarada faz voto de castidade.
Anão na seleção de basquete.
Analfabeto defende tese de doutorado.
Mudo dá conferência sobre retórica.
Judeu esbanja dinheiro.
Gênios varrem ruas.
Herói destrói a reputação da pátria.

TRÉQUA

*"O Mar não é tema,
tema é o ar do ~~tema~~. Mar 11
José Alcides Pinto*

O sol acende fósforo nas vidraças.
No azul nas ilhas
Há antigas maravilhas.
Por ventura me salva
o ar do mar.
Todo ouro do mundo não vale um passeio no litoral.
E o mar já não é conceitual:
ficou visível na montanha de Chorrilos
e na ponta do Callao
Chorei no tombadilho dos misérraveis,
mas neste refúgio
as circunstâncias não são desfavoráveis.
Venho beber neblina serena.
Nenhum dano sofrerei
se permaneço inspirando música.
Sei que a fortuna mora comigo.
Na calma do 25 de dezembro,
com 35 de idade agora digo:
é hora de respirar um pouco de liberdade.

TRISTEZA



Ando solitário
com meu desgosto vário.
Com ânimo precário
de amoroso calvário
procuro o mistério
livra do cemitério.
Ando como fugitivo
preciso de lenitivo,
de um Deus ou alguém definitivo
e derivo no oceano insano.
Não sei se vivo ou se me engano.
Cigano do meu dano,
ando pela cidade
com a debilidade,
de minha saudade.
Nunca vi o mar assim
Tão semelhante a mim.

O ANJO VINICIUS GABRIEL

Se no ano passado sofri maus tratos,
se muitas vêzes me desesperei
e nem sempre vi o brilho da justiça,
tudo valeu a pena pelo sorriso do Vinicius Gabriel.
Se de angústia não tenho visto a alegria das flores,
se vivo correndo e durmo mal
e não vejo esperança na cara do povo,
não importa --- tenho o sorriso do Vinicius Gabriel.

Há tempos não escrevo aos amigos.
não há diversão nas ruas,
no trabalho sou oprimido.
Quero fugir --- não posso!
A injustiça é intolerável
e não posso revoltar-me.
Nada posso fazer!
Parece exagero esperar de Deus um milagre!
Num pesadelo eu sonhei que a vida se tornaria difícil.
Mas quando tudo era mais terrível,
veio um anjo e me salvou
--- o anjo Vinicius Gabriel.

MEDITAÇÃO TAOÍSTA

Uma noite ao relento, chuvisco molhando a cara, amanhece e converso com dois amigos. As palavras são clarividentes como os reflexos que atravessam a janela. Falamos de experiências pessoais, criteriosas e esotéricas. Mas nenhuma parece igualar-se ao silvo auspicioso do pássaro que canta lá fora.

Ah, não é isto a felicidade?

Amanhece atmosfera de gelo e o céu tem cor de elefante. O frio contrai os músculos e a vontade de tomar banho. Mas a inteligência cria prodígios tecnológicos. Alegria de mergulhar na água tépida que o chuveiro elétrico oferece. E, depois de enxugar-me com duas toalhas, fazer a barba simetricamente até a pele adquirir tonalidade azul.

Ah, não é isto a felicidade ?

Longo tempo posterguei a satisfação de uma necessidade. A bexiga oprimida, relaxa de repente. Irrrompe o estrídulo da urina no óvalo da latrina.

Ah, não é isto a felicidade?

No almoço todos os comensais conversam ao mesmo tempo. Gesticulam e contam anedotas vulgares. Despeço-me dos donos da casa e regresso ao aconchego da minha cama. Busco refúgio sob um suavíssimo cobertor e ouço os longínquos da rua.

Ah, não é isto a felicidade ?

Passear no litoral deserto, bebendo o ar da noite e ouvindo o marulhar do oceano. Sentir-se contente de ver o deslizar da espuma como um campo de neve em fluxo e refluxo. Ficar mirando as ondas, sem pressa e sem ânsia de narrar aos amigos a magnitude desta sensação. E depois de tudo isto, andar assoviando pelo jardim, recebendo em troca o perfume das flores.

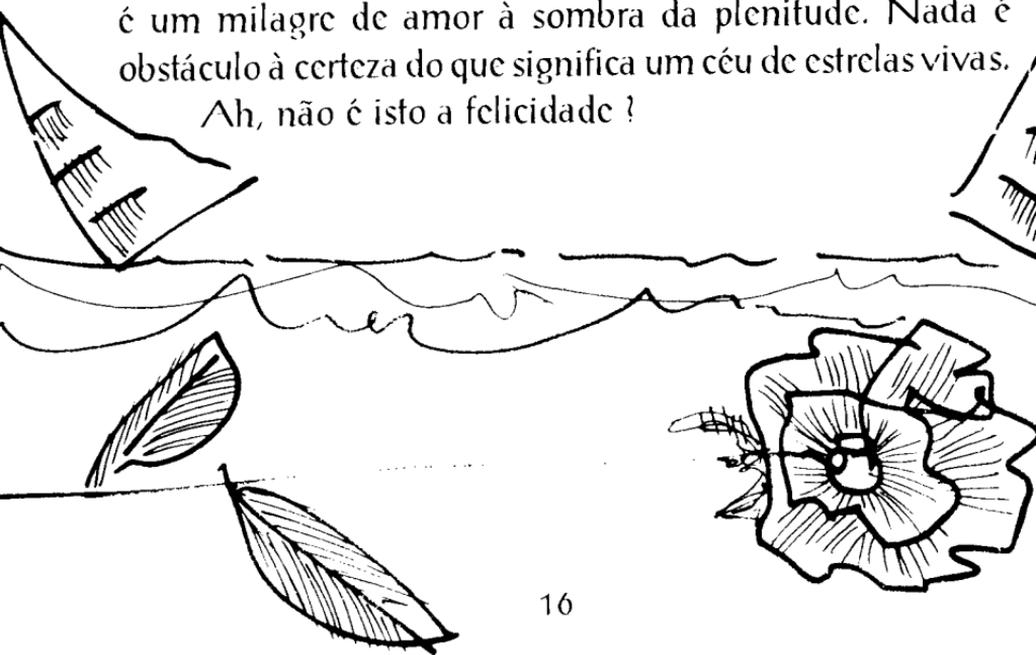
Ah, não é isto a felicidade ?

Participo a contra-gosto de uma reunião de comerciantes que planejam vender tecidos de algodão. Nenhum deles tem condição de financiar o investimento e a conversa enfadonha se prolonga em torno da falta de recursos do grupo. De repente, soa o sino da igreja cuja cúpula vislumbro ao longe. Abstraio-me completamente na ressonância evocativa.

Ah, não é isto a felicidade ?

Andar pela rua, olhando o luar na amplidão. O vento é um milagre de amor à sombra da plenitude. Nada é obstáculo à certeza do que significa um céu de estrelas vivas.

Ah, não é isto a felicidade ?



ROSAS DE FOGO



Carregar a cruz com dignidade.
O sacrifício é liberdade.
Mas aceitar a fúria do verdugo?
Trocar a liberdade pelo jugo
do cretino, asqueroso botocudo?
Antes a fuga e o escudo.
No desvario de tal grei,
que espécie de herói serei?
O suplício é o preço do troféu?
Um hospício, um escarcéu
inferniza-me o céu.
Agora no tempo arrebatador
transforma o pavor:
no macabro da trincheira
Sol do amor, és minha bandeira.
Venço a tristeza agora,
bebendo luz na aurora.
Que a tristeza não me vença
na Era de desavença.
Que eu seja vitorioso
no perigoso jogo
das rosas de fogo.

SALMO

Mestre, confio na tua justiça,
não permitirás que eu sofra nas mãos do opressor.
Sabes que ando pelos caminhos da tua lei
e minha consciência não vê motivos de punir-me,
Dá-me um sinal de tua misericórdia,
mostra-me um raio de esperança,
livra-me da perseguição dos perversos,
guia-me a um canto junto a teus pés,
sob a guarda do teu seblante luminoso.
Complica a vida
de quem tenta prejudicar o teu justo discípulo,
defende-o contra as armadilhas do mal.
Em que estrela eu poderia confiar
senão na tua voz que aplaca as tempestade?
Que salvação eu esperaria
se não existisse o teu divino olhar
que é só amor e benevolência?
Pois revela-me como vencer a impiedade
que desabou sobre minha vida!
Com o teu Poder, rompe as cadeias cruéis.
Abre as portas de minha libertação.
Salve-me, meu Mestre, meu Salvador.

FUTURO

No lugar sereno dos meus pensamentos
ver uma pessoa e lembrar de tê-la visto há 20 anos.
Sentir num perfume o antigo momento.
Respirar a brisa que o mar nos dá de graça
Na calma imprescindível dos quintais marinhos,
horizonte musical,
vida sem pressa,
o mar é todo encanto.
É uma cristalinidade fluida.
Semeio poesia num janeiro de azulções,
chamo o vento de amigo
por suas manifestações de ternura
e aceno aos navios com olhar de aventura.
Nestes recantos de êxtase,
praia dos amores meus,
não permitas que eu sofra longos exílios!
As gaivotas me dizem que a cidade é feliz.
Textura cromática da tarde brasileira,
estonteio-me de encanto.
Descubro fascinações e apoteoses.
A visão de tudo é o mar.
A miragem do infinito é o mar.
O futuro é o mar.

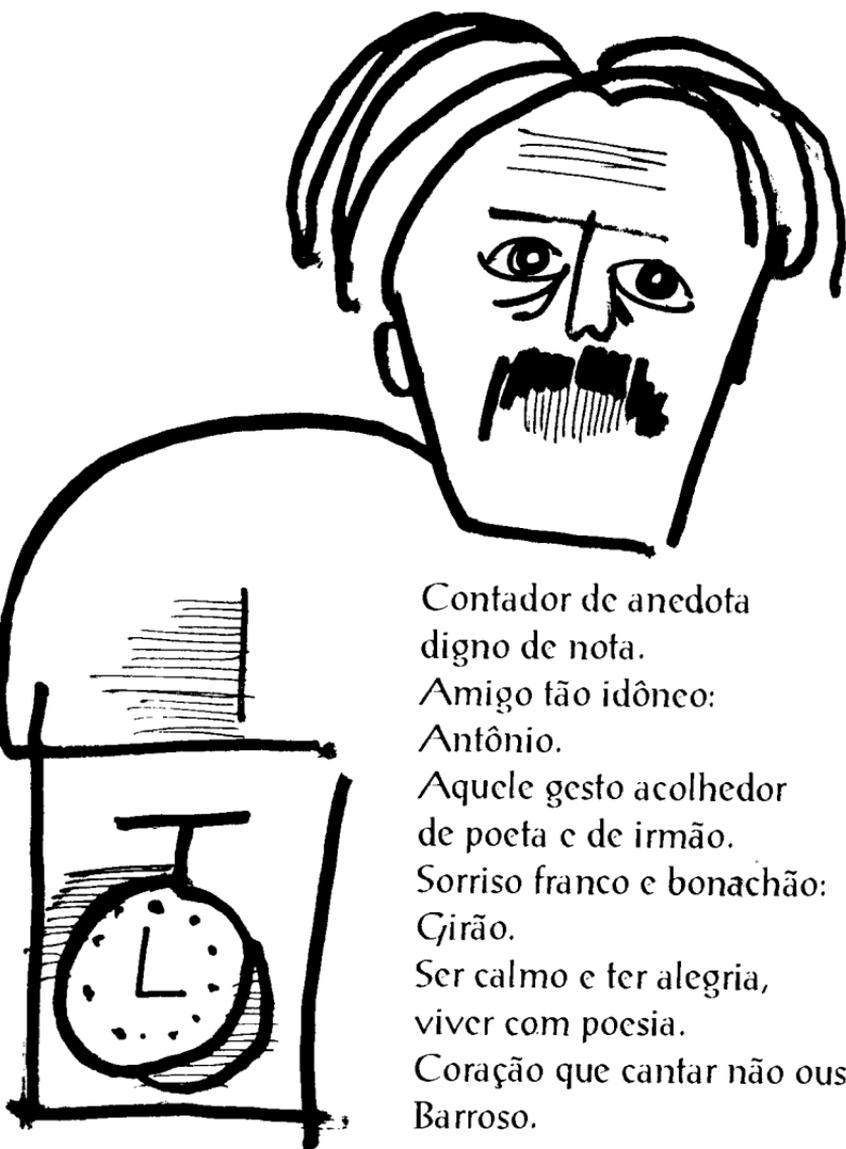
NO REINO DOS CAJUEIROS

A Cid Sabóia de Carvalho

No reino dos cajueiros as noites são claras
e o vento redobra quebrantos
em alvorada de pérolas.
Pássaros livres respiram nuvens nas manhãs.
No reino dos cajueiros arranquei o tédio pela raiz
e me encantei com os brilhantes fluidos
do brasão da esperança.
Na hora azul do céu suburbano,
recebi augúrios ensolarados
e um tempo de silêncio
afastou de mim as palavras desesperadas.
No reino dos cajueiros o medo se resolve com sorrisos,
amanhece a frialdade azul dos sonhos,
caminho sob a lua meridional
e tudo é uma riqueza dionisíaca.
As nuvens são aves brancas dispersas,
a tonalidade azul é o encanto que mais embevece.
Estremece a atmosfera do dia.
Distribuo segredos aos desvalidos.
Reino dos cajueiros --- refúgio da humanidade

LEMBRANÇA DE AMIGO

A Osvald Barroso



Contador de anedota
digno de nota.
Amigo tão idôneo:
Antônio.
Aquele gesto acolhedor
de poeta e de irmão.
Sorriso franco e bonachão:
Cirão.
Ser calmo e ter alegria,
viver com poesia.
Coração que cantar não ousou:
Barroso.

PASSEIO URBANO



Num simples passeio
percebi que há mais religião nos parques
que nos altares,
pois, enquanto a igreja estava deserta,
havia inúmeros fiéis dormindo nas calçadas.
Observei que o lixo é almoço de muita família.
De graça, também respirei poeira e fuligem.
Seria por excesso hedonista
que um bando de mendigos
me cobrou pedágio?

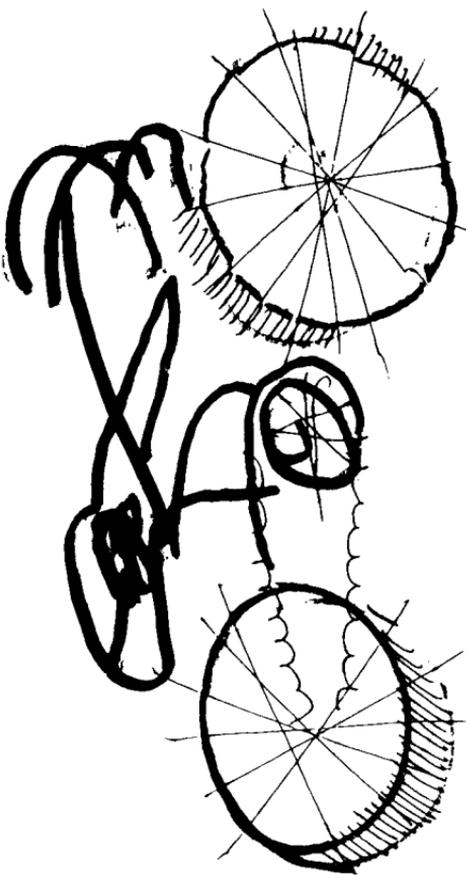
DESCOBRIMENTO

Descobrir que cada minuto
pode ser momento de descoberta.
Descobrir o futuro, redescobrir o passado
e o segredo de cada instante.
Descobrir a terra e a flora interiores
e o que há de céu no cérebro.
Descobrir a vastidão do amor
que é sempre novo descobrimento.
Vivemos na expectativa da plenitude
e isso é descobrir o encanto oculto na consciência.
O que há de Deus nos pássaros e na claridade.
O poder do Sol e do Tempo.
Saber que a descoberta era o contrário do que se pensava
e reconhecer a espera do descobrimento.
Também isso é descobrir.
Descobrir na indivisibilidade da natureza
a totalidade das coisas
e situar-me ante o universo.
Descobrir os objetos diários
e a prática transcendental de torná-los úteis à evolução.

ODE À BICICLETA

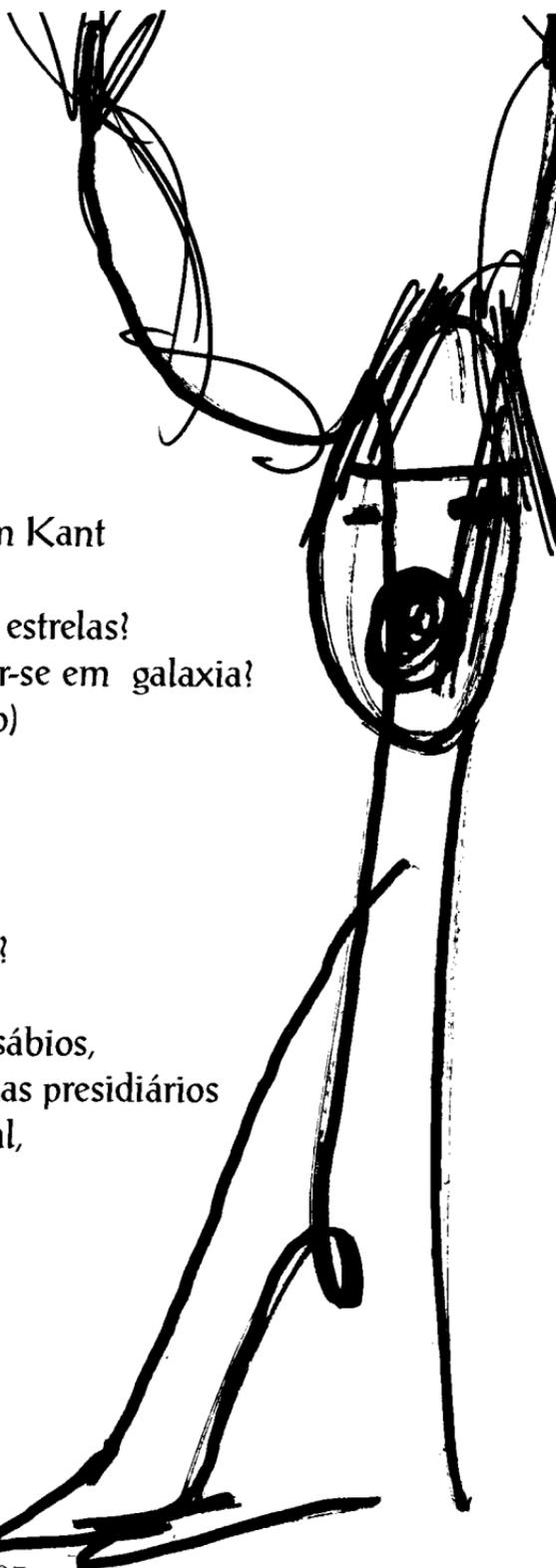
Todo lúcido poeta
tem a sua bicicleta
e utiliza com afã
este puro talismã.
Pedalando em liberdade
venço o dragão da maldade
que contamina a cidade.
Livre do tédio e do medo
dou risada do degredo
em que a vida me tem posto
pois se acaba o meu desgosto
e a vida é bendita e clara
quando lavo minha cara
na brisa que sopra o mar,
quando saio a pedalar.

Se o fardo da vida pesa,
todo bardo que se preza
na bicicleta passeia
como o pássaro gorjeia.
Sonhando com a liberdade
necessária à minha idade,
minha vida se projeta
no plano da linha reta.
Chego cedo à minha meta
andando de bicicleta.



ABSURDO

Um bandido especialista em Kant
não é tão absurdo
quanto uma barata voar às estrelas?
ou um micróbio transformar-se em galaxia?
Ou, ainda, (exemplo bíblico)
um porco admirar pérolas?
Acaso voam as serpentes?
Um estúpido intelectual
não é tão paradoxal
quanto um estuprador casto?
Ou um santo devasso?
Pois, se houver criminosos sábios,
é o mesmo que existir polícias presidiários
ou gênio com retardo mental,
que dizer de assassinos,
que se julgam caridosos
por matarem as pessoas
sob pretexto de salvá-las?



ILAÇÃO PERIPATÉTICA



Sou poeta? Nem sei se sou poeta,
só sei que me interessa a origem e o destino do ser.

Venho de outra galáxia, a única existente
além da plataforma terrenal.

Se não há nada eterno a escrever
nada escrevo, mas se a noite é lírica
e além dessa nebulosidade há estrelas fixas e impávidas,
então sou poeta e escrevo com a naturalidade
com que caminho

lúcido, sou poeta e ando derramando poemas ao vento,
pois a coroa de lírios que me cinge a aura
é um braço de luzes e diamantes fluidificados.

E se reina paz na esfera planetária
é que acima dos espaços e depois do mar
existe o domínio de onde recebemos consagração.

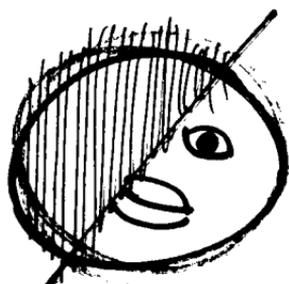
NOITE CEARENSE

A Tarcísio Barros Leal

Alegria de sentir a noite equatorial
e saber que além destas sombras
existe o pleno dia que acende nuvens
onde rutilam pérolas radiantes.
Os lençóis do vento cobrindo os leques do arvoredos.
Além dos barulhos da cidade,
meditar sobre a nossa casa num campo celestial.
Alegria de saber que acima desta noite
além da miséria terrena
há um jardim de luz
que recende o perfume das origens.
Caminhar entre os canteiros
assistido pela natureza.
Abrir os braços e receber as dádivas do Acarati,
ar puro que lava o corpo
e preenche o espírito de harmonia.
Ar noturno de apazíveis oferendas,
doce como as carícias dos amantes
e a bondade dos amigos.
O vento, irmão da nossa infância,
terno companheiro de quem ama as noites,
navegante do hemisfério sul,
anjo marítimo.
Segredo decifrado pelo código do amor.

Fortaleza, 30 de agosto de 92.

ITINERÂNCIA



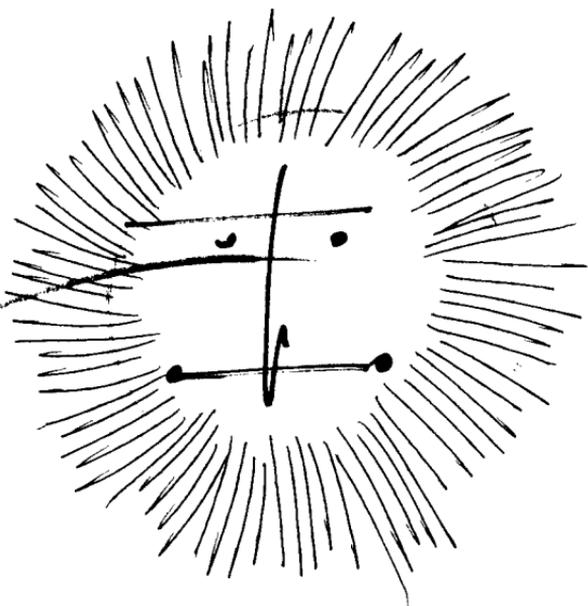
Regozijo-me na cálida noite do hemisfério.
Amanhã partirei.
Há de ser pão e luz o meu trabalho.

Vento no arvoredado da serra tropical.
Torpor da brisa de novembro.
Partirei com o signo da esperança:
o brasão noturno do Cruzeiro celetial.

Minha terra,
que eu saiba cultivar as bênçãos
e dividir as dádivas.
Não haverá exílio
se eu preservar a chama deste alento.
Rumor de folhas estivais.
O fulgor da hora.

A força do vento festeja minha viagem,
refúgio itinerante nos celeiros de mim.
Sombras rútilas do amanhecer de minha ventura.

ALMA - AR



Alma solar: calma milenar
áugures álamos altos.

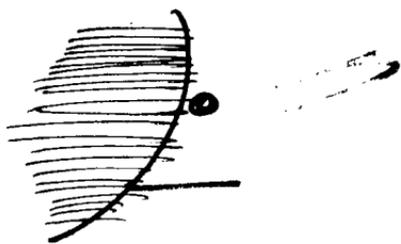
Água lunar: hálito álgido - sal
aéreo, alado, qual álcool de aura abissal.

Atlas do altar do mar.

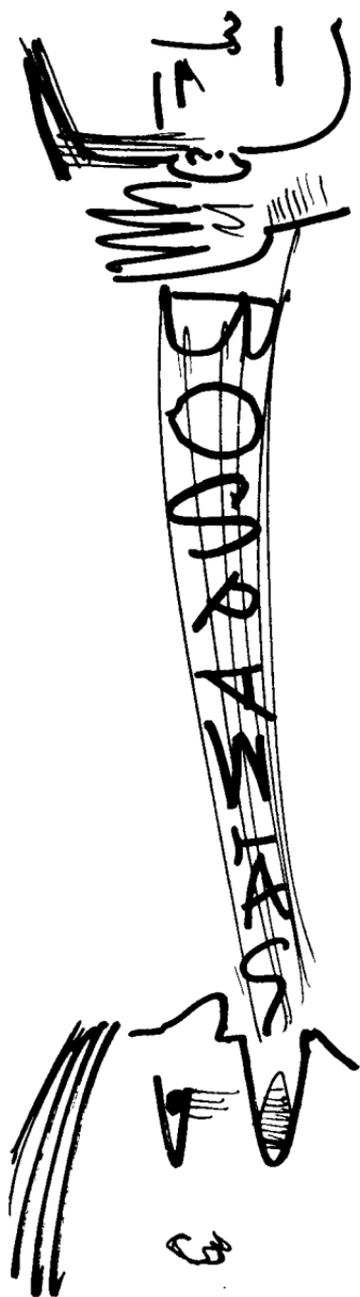
Ave, candelabro estelar,
austro astral de alabastro.

Cal, calcáreo claustro espectral

Lácteo lar galaxial.



PALAVRA



A palavra lavra e livra,
salva o verde oliva
e vale o sal da saliva.

A palavra, palma e sabre,
abre o pálio da alma:
calma, fava, lava e fala.

A palavra, alba e nave,
sagra e singra, criva e crava,
dádiva da vida, dívida velada.

A palavra, válida lágrima,
alta, ávida, álgida, atávica,
ata o laço - lacre álaque.

A palavra prática, tática, fática
nada errática, mas exata,
grava grave a inata graça.

A palavra sensata: serenata,
sana - bálsamo de nata.
Dinâmica, lírica, linfática.

NÚMEROS



Um Verbo, um Deus, um coração,
uma verdade, uma ilusão.
Dois astros, dois bandidos na cruz,
dois ouvidos, dois focos de luz.
Três mistérios do triângulo transcendente,
três reis do Oriente, três farpas do tridente.
Cinco dedos, cinco pontas da estrelas de David,
cinco pentagramas vocálicos de Rabi.
Sete cores do arco-iris, sete plêiades de Osiris,
sete dias de origem, sete estâncias da vertigem.
Nove novenas do novilúnio, nove meses do nascimento.
Doze apóstolos do Testamento,
doze meses do ano, doze constelações do arcano,
doze signos zodiacais,
doze planetas, doze horas estivais.

CRÔNICA ORTODOXA

A Natalício Barroso Filho

Das ruas de Copacabana
a Leopoldo Miguez tem passarinhos verdes.

Das ruas do Leme,
a Anchieta tem ancoradouros
onde aportam os poetas itinerantes.

Depois da chuva,
entre arcabouços de aço,
serras perfuradas de túneis,
selvas de arranha-céus,
mansões entre favelas,
alquimista pós-moderno,

degusto açai - o ilixir do Pajé
e outros ágapes

que a gente saboreia com os olhos:
garotas robustas são a propaganda.

Jamais à sopa de macarrão dos acadêmicos.

No perfil de lâmina do horizonte,
- ácido e óxido diluídos em selva e rama,
o púbis da cidade!
Troféu de corifeus de Cronos.

Atlânticos priapismos
flamejam as salamandras do Flamengo.

Botafogo - pureza e tentação!

Na rua Alice de aliciantes delícias

portal de Santa Tereza,

a alma machadiana do Cosme Velho.

Largo do Boticário.

Montes de Vênus ao telescópio ginecológico.

Laranjeiras - laranjas de carne.

Gazelas, tigrezas: graciosidade e tumulto.

De súbito, fauces de fogo,
a cidade é chumbo e sexo nas curvas letais.

Abismo,

voragem,

vórtice,

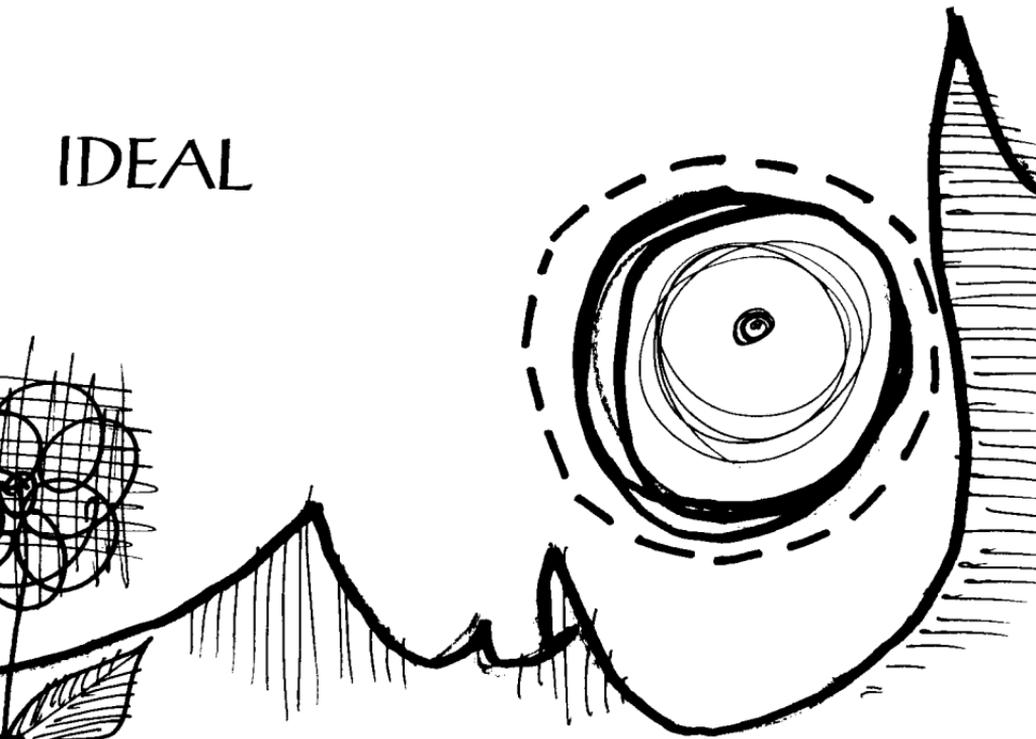
vertigem.

As mandíbulas, manopla monstruosa,
carros perseguindo o rebanho rastejante.

Mas além da redoma opressora
de carnaval e tiroteio,

além das idéias pulverizadas dos vampiros de ectoplasma,
de todas as janelas se vê o Cristo de luz

IDEAL



O dia tarda apenas pra mostrar o silêncio encantado:
raios, cigarras, nuvens arrastadas pelo negrume...

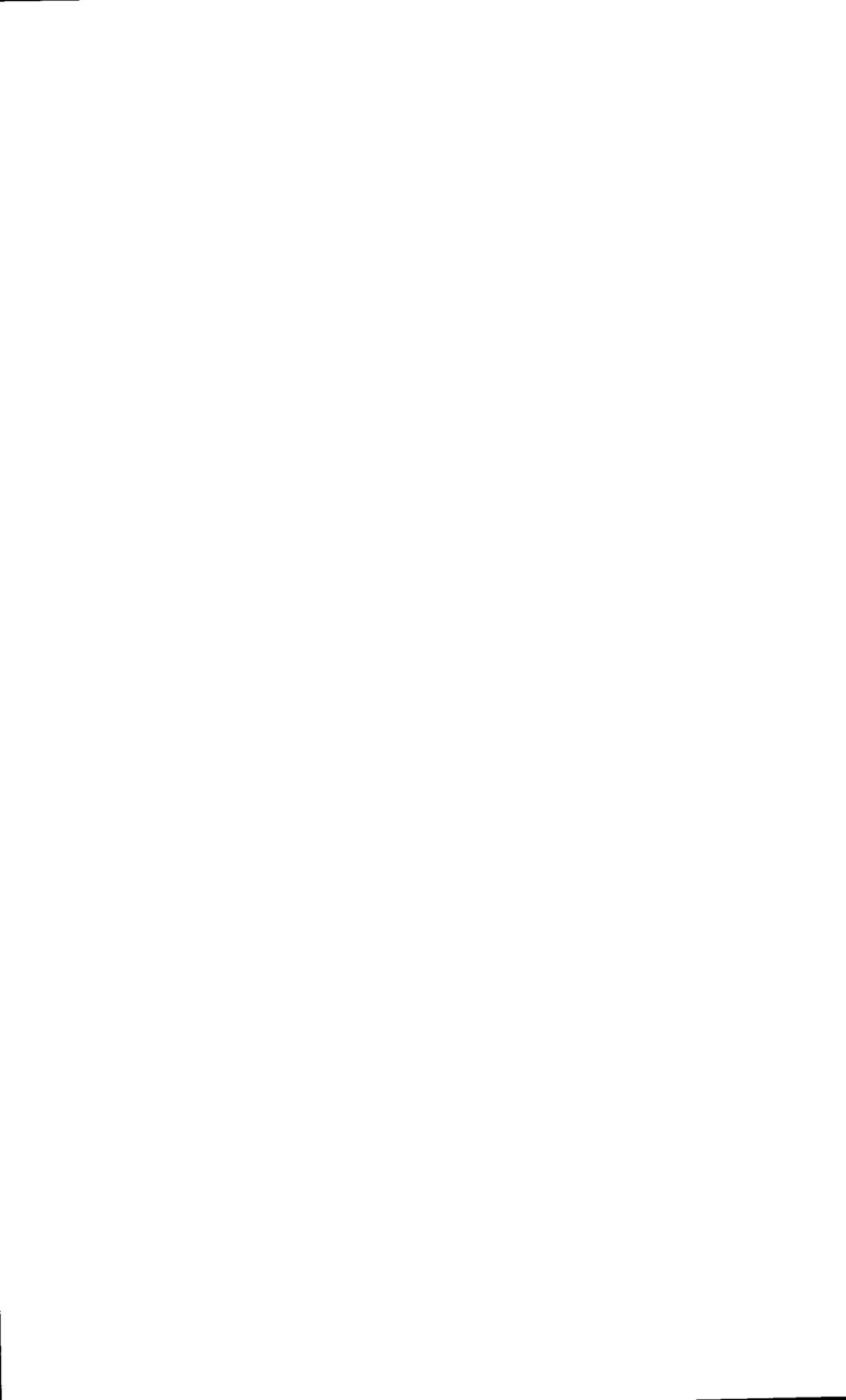
Quisera viver sempre assim,
livre pelos quintais do Brasil.

À sombra das folhagens que o sol reflete,
a claridade insiste em luzes de todo espectro.

O dia tarda e medito em transformar-me naquele azul,
feliz de escutar os gorjeios
e observar seres brumosos.

Sereno refrigério no volitar da neblina
e na densidade da terra.

Inspirado pela paz vedejante,
viver tranqüilo, monge sem desejos,
nos confins daquela névoa,
ave a cantar a vida inteira!





JOSÉ ALCIDES PINTO



EROSSENSUALISMO





José Alcides Pinto, ficcionista e poeta, nasceu em São Francisco do Estreito, distrito de Santana do Acaraú, no Ceará. Foi professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Universidade Federal do Ceará. Detentor de vários prêmios literários. Tem livros publicados na área do romance, novela, conto, poesia, teatro e crítica literária. É considerado um poeta de vanguarda e experimental.

| | |
|----------------------------------|----|
| LAÇOS | 41 |
| ESPELHO DE POESIA | 55 |
| AUGUSTO FREDERICO SCHIMIDT | 56 |
| O MENINO | 60 |
| AINDA O MENINO | 61 |
| DEUS | 62 |
| ESPELHO DE POESIA | 62 |
| OUTROS TEMPOS | 64 |
| PAROXISMO | 65 |
| MOMENTOS | 66 |
| O ÁLBUM | 67 |

LAÇOS

Estes poemas são dedicados ao meu amigo, médico - cirurgião,
Dr. José Maria Arcanjo (Baia)

O URUBU

A José Alcides Pinho

Plana pleno sobre a praia
deserta.
Dunas aparam nas costas
a sombra vigilante de seu
vôo.
Heráldico
espia do alto as horas tom-
bando.
sobre a eternidade dos
elementos.

Negro
parceiro do sol recolhe na
areia
(qual poeta de asas pensas)
o
podre
do
tempo.

Adriano Espínola

Isabelle, eu vou para debaixo da terra
e tu caminharás ao sol.

Rimbaud



todos os poemas devem ser lidos e rasgados
guardar um poema é guardar um morto

teu corpo era tudo o que eu queria
encontrar na virgindade das rochas

espasmos sensuais nas estrelas

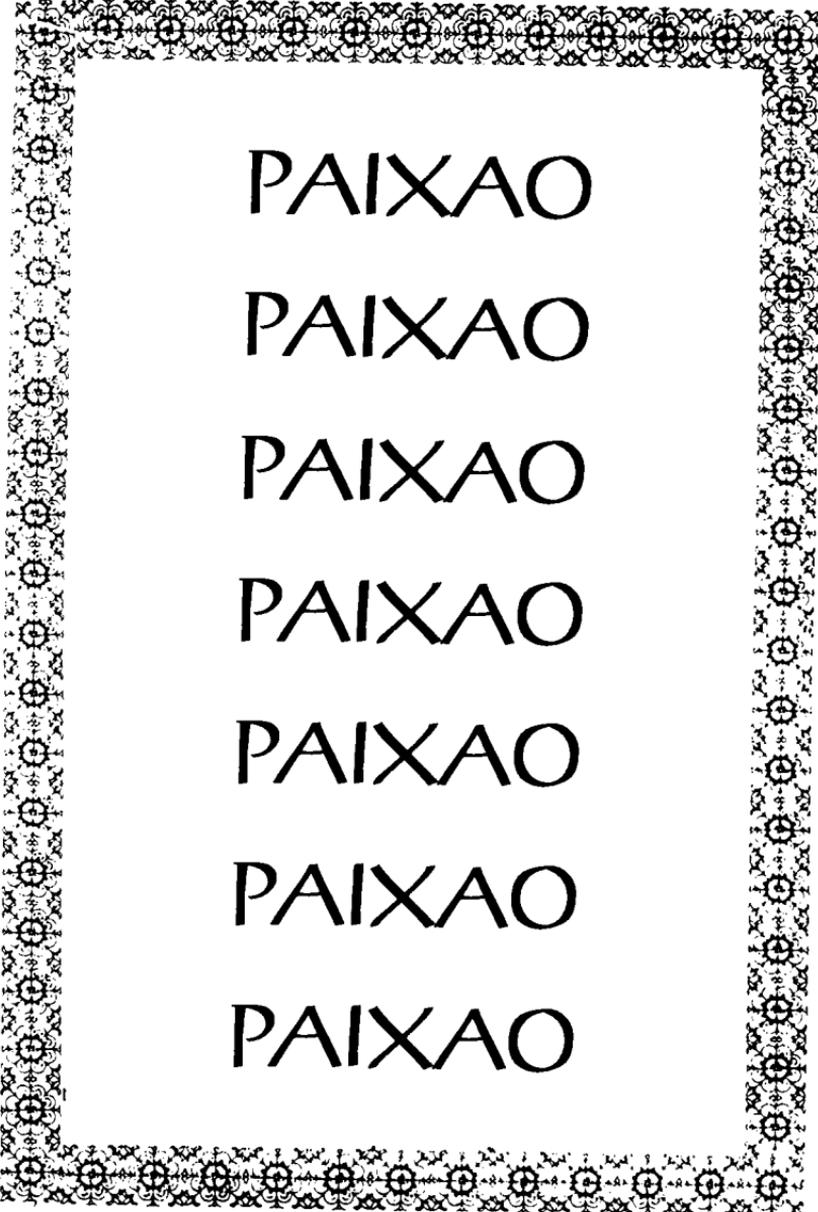


com minhas unhas grafo

ORAÇÃO
MORTE

grafite

saudade



PAIXAO

PAIXAO

PAIXAO

PAIXAO

PAIXAO

PAIXAO

PAIXAO



Na minha casa me arrumo
o paletó que não uso há anos
(me desconhece)
trescala o desinfetante
as camisas de punho
guardadas com cuidado
(com imenso cuidado)
as abotoaduras de madrepérola

: no porta-jóia
no porta-
retrato

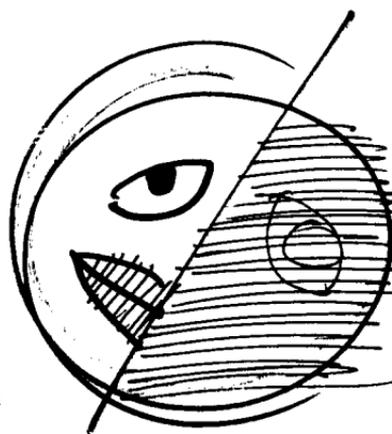
reflui a beleza do rosto jovial
a luz dos olhos
a cor morena do rosto
: ELA

O vulto vagueia sombrio
para
silêncio
arrepio
eu a vejo parada
dobrada
à meia porta
da
única
janela
do
quarto
dos fundos
: JOAQUIM?
o coração a alma
(dilacerados)

: ELA
sempre triste
sempre triste
solta no mundo
perdida
entre os móveis do quarto
entre as duas
cadeiras froteiriças
voz triste
apagada
exprime grande mágoa
: JOAQUIM?



o sol
corta
o
azul
do
céu



a noite cai
fria e agora
(e já)
o sopro ardente da tarde
deixa o quarto
voa sem rumo o pássaro

GRITA

a

voz

: JOAQUIM?

silêncio

uma voz após outra

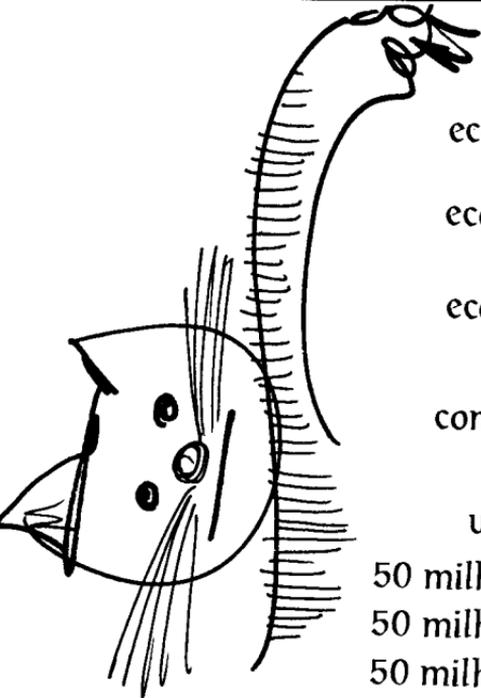
o eco

funde

a noite

repete cadenciado

: JOAQUIM?



eco
eco | ando
eco | ando
eco | ando

como o som
de
um sino

50 milhões de vezes
50 milhões de vezes
50 milhões de vezes
os ouvidos surdos
não captam o som

: ela espia o telhado
um gato há - há

(a sombra)
assombra
O DIABO!

O DIABO!

é ele sim
o rabo
(fusco)

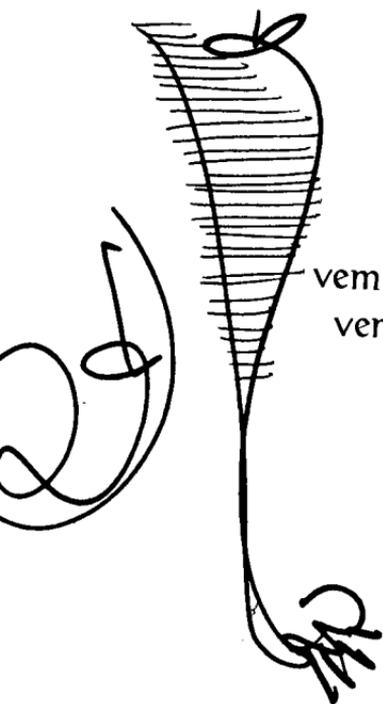
vem do fundo do passado
vem do fundo da noite

GRITA

: JOAQUIM!

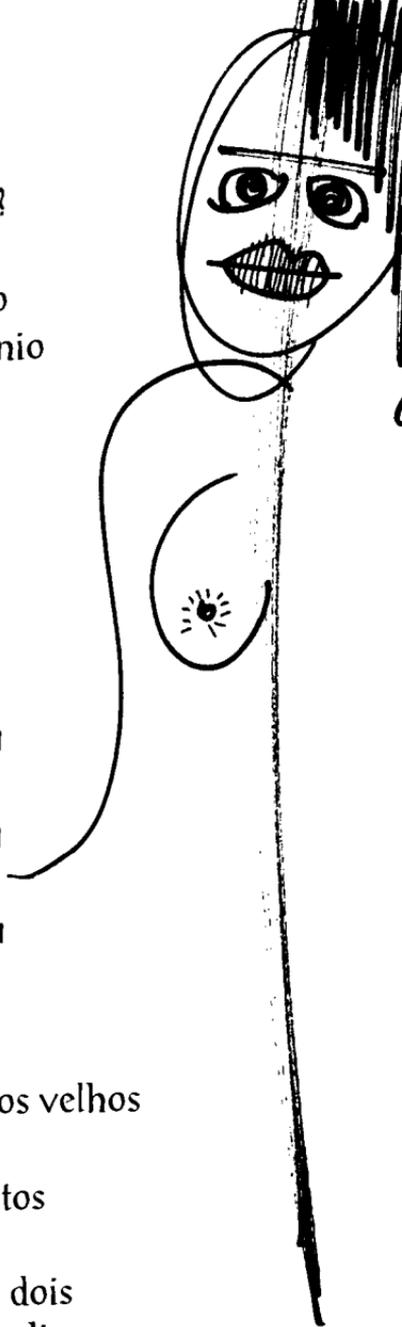
a voz assombra

: JOAQUIM!



a voz
: JOAQUIM?
Joaquim
mata este gato
mata este demônio
(ELE
ELA)
testemunhas
do
tempo
o amor flutu
(ante
o amor flutu
ante)
a tarde flutu
(ante
a noite flutu
ante)

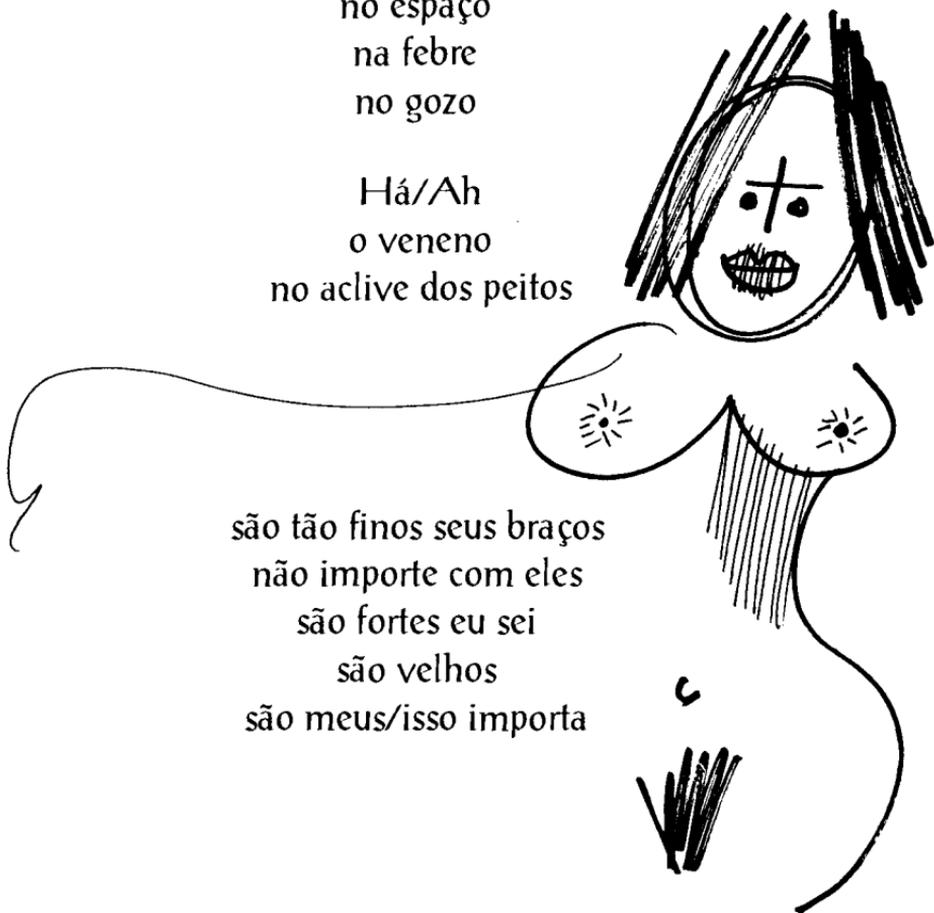
ao meu peito de ossos velhos
(duros)
junto seus peitos
(cinjo-a)
chegávamos os dois
dias de outrora - dias
à meia-porta do quarto
(dos fundos)
quando a tarde
caía sobre nossa cama



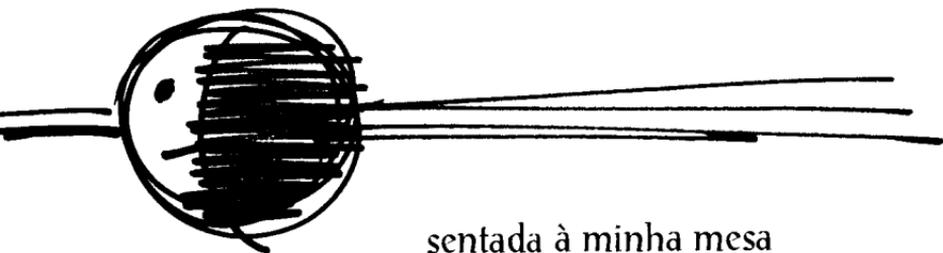
abraçava-me
com o seu sorriso triste
sempre triste
sempre triste
o veneno dos peitos
como fogueiras no céu
incendiava o quarto
os lençóis
viravam cinzas ardentes
aspirávamos esse vapor
no espaço
na febre
no gozo

Há/Ah
o veneno
no aclave dos peitos

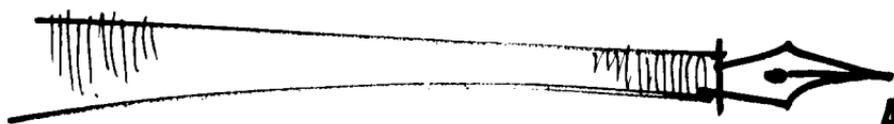
são tão finos seus braços
não importe com eles
são fortes eu sei
são velhos
são meus/isso importa



seus olhos verdes-lodo
perdem-se no oceano
perdem-se na lama da noite
olhava o quê - saberia?



sentada à minha mesa
dia e noite escrevendo
sentado à minha mesa
(de onde jamais sairei)
sempre escrevendo
sempre escrevendo
onde encontrar essa ausência
(úmida?)



Joaquim - o grande solitário
também espia o telhado
onde amanhecem gatos e margaridas
: velho
os olhos borrados
da tinta
de suas estórias



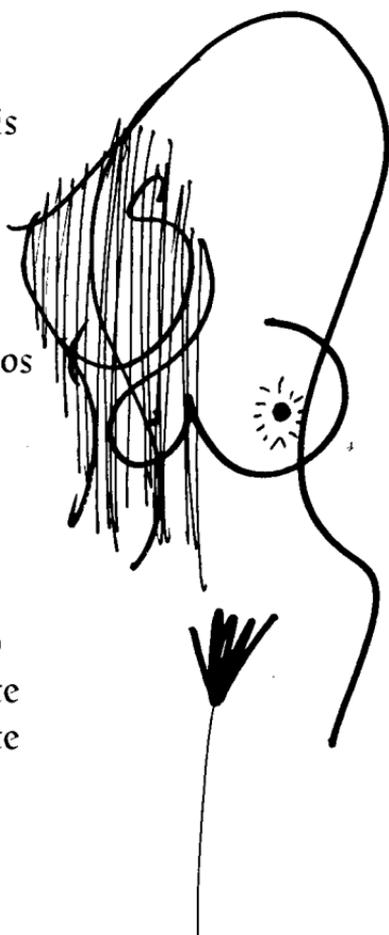
o quarto
a biblioteca
(a cama
vazia)
a galeria dos escritores
: Machado Eça Dostoievski
(Proust)
todos os poetas
ao alcance das mãos

magras
tristes

palmas
dedos
infindáveis

braços longos
finos
secos
- espectro

Há Ah
o espectro
flutuante
flutuante



o
flutuante amor



(triste
sempre triste)

2

na minha casa me arrumo
como a jóia em seu estojo
o som da flauta no ar
o paletó no guarda-roupa
o lenço de seda estampada
(ainda guarda)
o perfume de nossos beijos
a morna saliva da boca

: JOAQUIM!

silêncio

o vulto vagueia no quarto
a gaveta da cômoda aberta
mostra as cartas de amor

dobrada à meia-porta

espia o telhado

um gato assoma

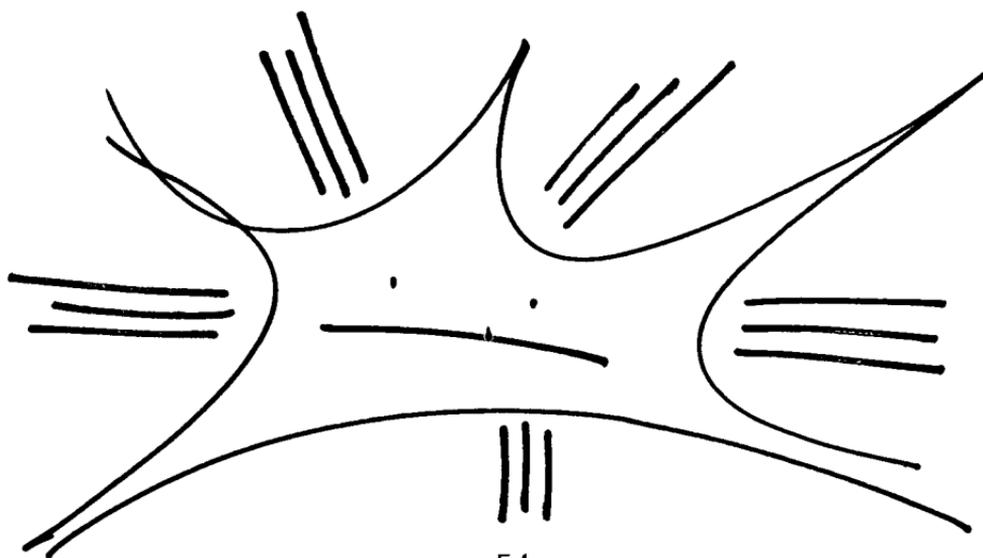
(esquiva-se)

: JOAQUIM!

rola a voz do fundo do passado

: cinjo-a
o veneno
dos peitos
o sorriso triste
o quarto
debruçada à meia-porta
um leve tremor agita seus cabelos
como um morno sopro - um frêmito
tudo está acabado
inexoravelmente

a primeira estrela
desfaz o manto moreno da tarde
cresce o aroma da noite
a presença da morta
a solidão aumenta o deserto do quarto.



ESPELHO DE POESIA



Audifax 95

Este momento é vosso.
Ó vós que fazeis compras e estendeis
diante dos homens
vossos lindos rostos e vossas doces carnes
mais ou menos sedentas e desconhecidas.

Antônio Girão Barroso

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT

*Para Artur Eduardo Benevides
um grande amigo do Poeta*



Para que este cofre, este cadastro enorme?
Esta poltrona disponível e fofa?
Meu retrato nesta sala de conselheiros?
Para que estas estantes de aço, tudo muito particular.
Tudo tão pessoal e íntimo às minhas mãos inúteis e gordas.
Não obstante, eu amo o mar e as infantas mortas.
Os anjos tristes e genuflexos, de vestes cor de nuvem.
Sou a própria instituição; tenho vergonha de ser um objeto.
Um poeta: meus amigos me olham com reserva.
Como gostaria de ser anticapitalista.
Eu : Augusto Frederico Schmidt, apenas um simples
assalariado.

2

Sou objeto que se conhece contraditório:
para que esse cofre de bronze à minha frente?
Augusto Frederico Schmidt, modelo de capitalista
milionário.
Para que tanta estatística à minha mesa?
Minha alma é leve cheia de liberdade.
Ninguém compreende porque sou tão prático e capitalista.

3

A poesia eu queria, mas Deus só a deu ao Manuel
Bandeira.
Mas Bandeira dividiu alguns versos comigo.
Esses se juntaram à minha melancolia
- essa tristeza enorme que carrego por onde ando
ou sentado nessa poltrona as doze horas do dia.

4

Não quero o cofre de bronze, joguem fora todos os níqueis.
Toquem fogo, derretam, ou distribuam com a pobreza.
Não quero o cofre de bronze, nem o Banco, que minha
alma repele.
Quero a poesia de Cruz e Sousa, a do Alphonsus, a do
Bandeira.

5

Tudo se quebra dentro de mim, tenho todas as razões para ser poeta.

Todas as razões do mundo, e mais as que o Bandeira dita: Você, meu caro Schmidt, não é outra coisa, senão um grande poeta.

Talvez, por isso, Bandeira tenha me emprestado alguns versos.

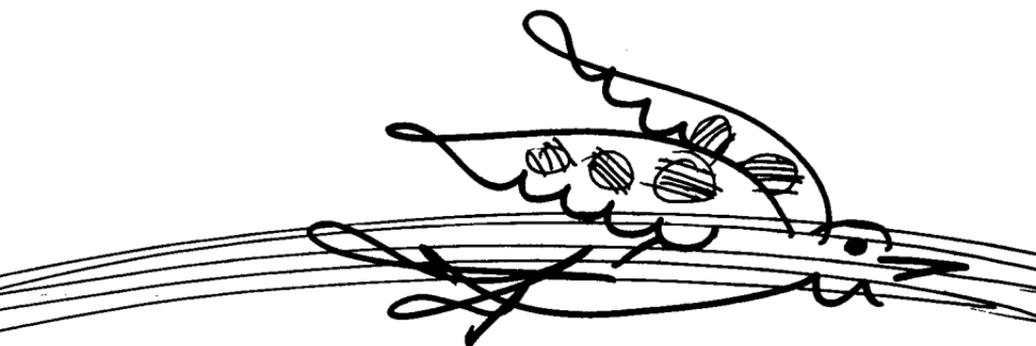
Por isso, todo o vocabulário de minha poesia é seu.

6

Tudo se quebra dentro de mim, se estilhaça, como uma parede velha larga o seu reboco aos golpes do vento, ou ao simples toque de dedos frágeis. Tudo se quebra dentro de mim, se tento escrever um verso. Assim choram as pedras, quando o fogo arde em seu coração.

7

Matem. Assassinem o milionário, o capitalista-banqueiro. E salvem o poeta cidadão Augusto Frederico Schmidt. Brasileiro, natural do Rio de Janeiro, romântico, simbolista, e modernista também; um poeta de gosto fino. Um poeta com a alma de Antônio Nobre na pele.



8

As minhas tristezas não cabiam no elevador.
Ficavam imprensadas entre as páginas dos colecionadores.
Minhas tristezas já não cabiam dentro de mim:
apólices, seguros, estatísticas, escravizaram-me a essa
poltrona fofa
as doze horas do dia mais as noites de insônia.
E por causa disso engordei tanto.
Por isso, usava camisas de linho branco, bastante largas,
e lenços de seda para enxugar o suor do rosto.
Mãe: palavra doce, símbolo claro, desenhado no céu da
manhã.
Um verso, apenas um verso meu, trazia-me tua presença
ao ritmo isôcrono dos astros, entre as flores pálidas de tuas
mãos.

9

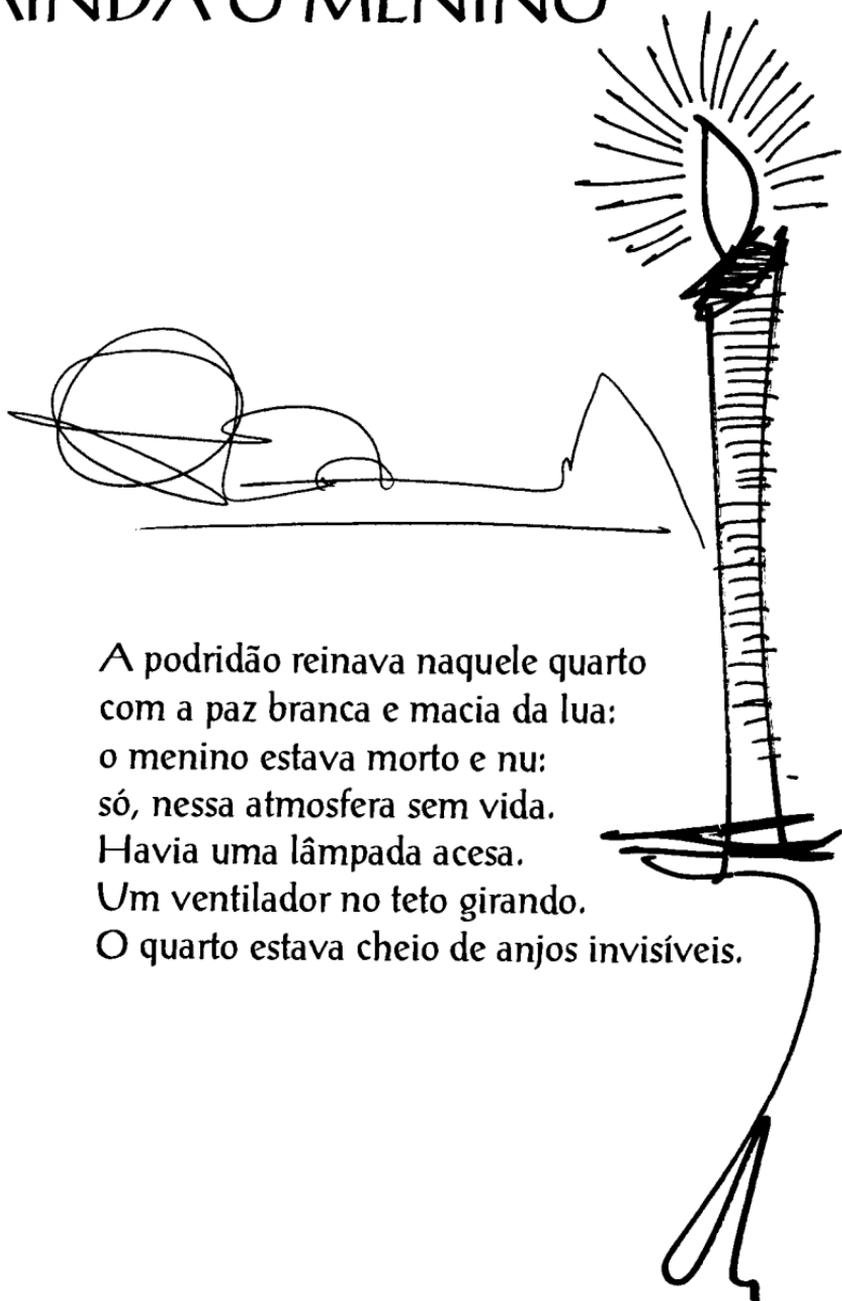
Meu coração em louca disparada, atravesse o Aterro do
Flamengo.
Chove em que país? Em que lugar do mundo?
De súbito a escuridão no meio do trânsito:
o poeta Augusto Frederico Schmidt acaba de morrer.

O MENINO



O menino estava morto.
Não estava dormindo.
Não era um disfarce.
O menino estava morto.
O nariz entupido de algodão.
Os ouvidos também.
E ele ali expresso como um anjo.

AINDA O MENINO



A podridão reinava naquele quarto
com a paz branca e macia da lua:
o menino estava morto e nu:
só, nessa atmosfera sem vida.
Havia uma lâmpada acesa.
Um ventilador no teto girando.
O quarto estava cheio de anjos invisíveis.

DEUS

Todas as promessas devem ser descumpridas.

Deus só perdoa aos ímpios.

Os santos e os justos sigam só o seu caminho.

São como camelos e hipopótamos, têm seu próprio reino.

Não há razão para que Deus deles se ocupe.

O corpo, este sim precisa de Deus.

(De todas as graças de Deus)

A carne é fraca e carente de tudo.

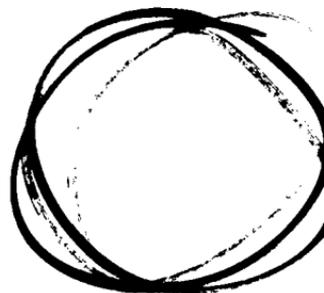
A pobreza estende a mão à caridade pública.

Deus, precisa dos homens, para que suas palavras se cumpram.

Amai-vos uns aos outros como eu vos amei.

Não vim para negar, mas para confirmar vossas dúvidas.

Fortalecidas, elas vão de encontro ao meu caminho.



ESPELHO DE POESIA

Vamos escrever o Espelho de Poesia, Dimas?

(A literatura é o homem

e o homem é um ser impossível de ser definido)

À tarde as águas do acarajú são mornas.

Os peixes voam contra o céu presos nas tarrafas.

A mulher do meu vizinho pariu um elefante.

E todos que moram na vila acharam muito natural.

(E por que não havia de ser natural?)

Vamos, Audifax, reproduz numa tela de sol

essa merda cheirosa que cai do rabo das andorinhas

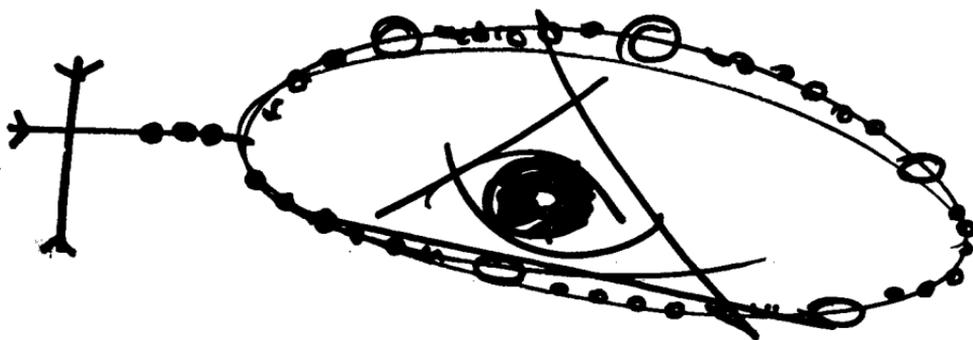
que voam e revoam sobre o povoado de São Francisco do

Estreito.



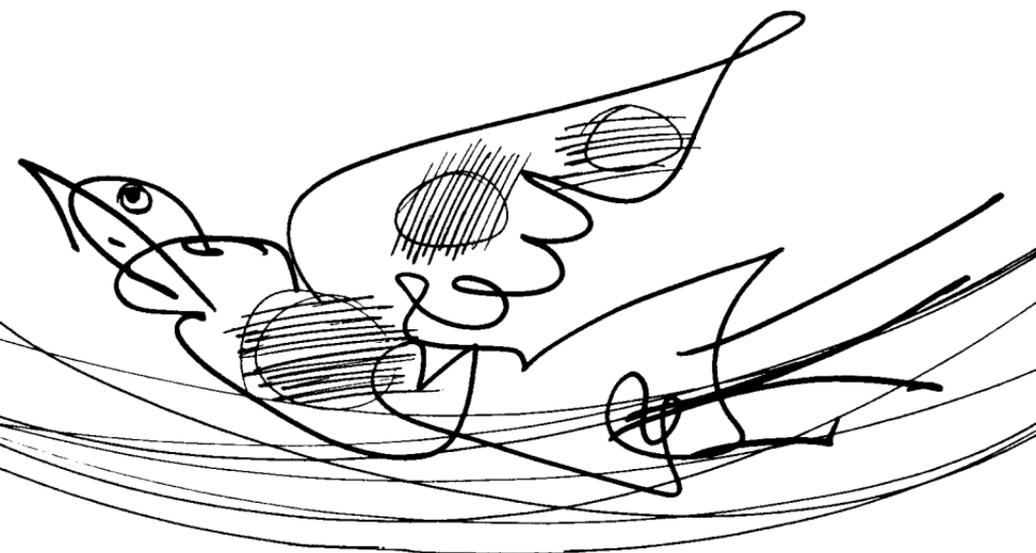
OUTROS TEMPOS

Minha mãe não sabia nada da vida.
Só pensava em rezar e parir todos os anos.
Quando falavam nos entregalistas, botava cruz nas portas.
Esconjurava os ciganos: xô, Capeta:
sacundindo a saia como se estivesse cheia de cisco.
Um dia apareceu um mascate na aldeia
com a maleta cheia de anéis, rosários, fivelas, quinquilharia.
Minha mãe, aos gritos, acordou a aldeia.
Gente, é o fim do mundo, chegou o Antecristo.



PAROXISMO

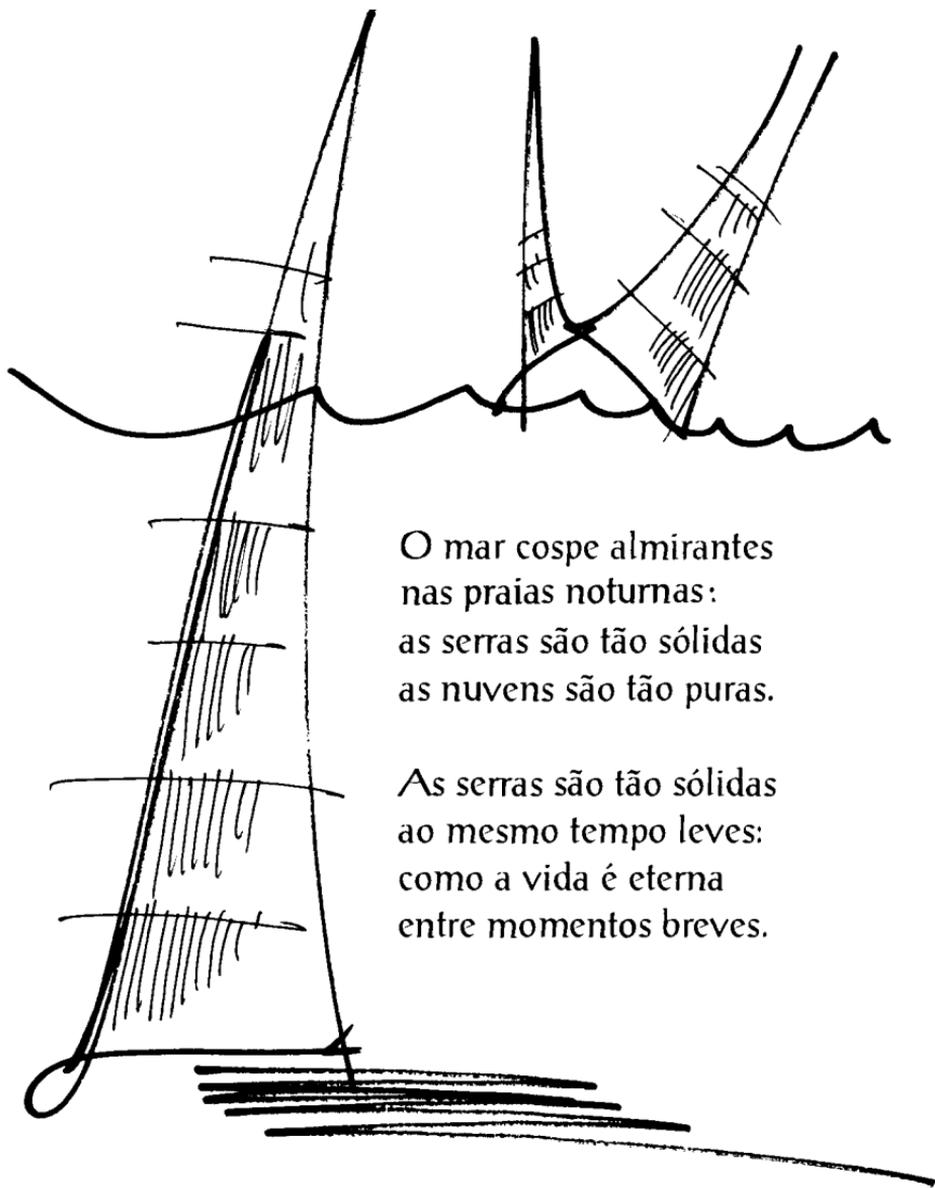
Poema de Belkiss



Entre nós nunca houve essa distância
que acreditamos repleta de mágoa.
Apenas teus olhos transbordavam
em marés azuis, incomensuráveis
alagando meus abismos sem fim,
numa outra trajetória do tempo
onde eu, apesar de mim
neste exato momento, cessei de existir.

MOMENTOS

À memória de Tereza Aragão

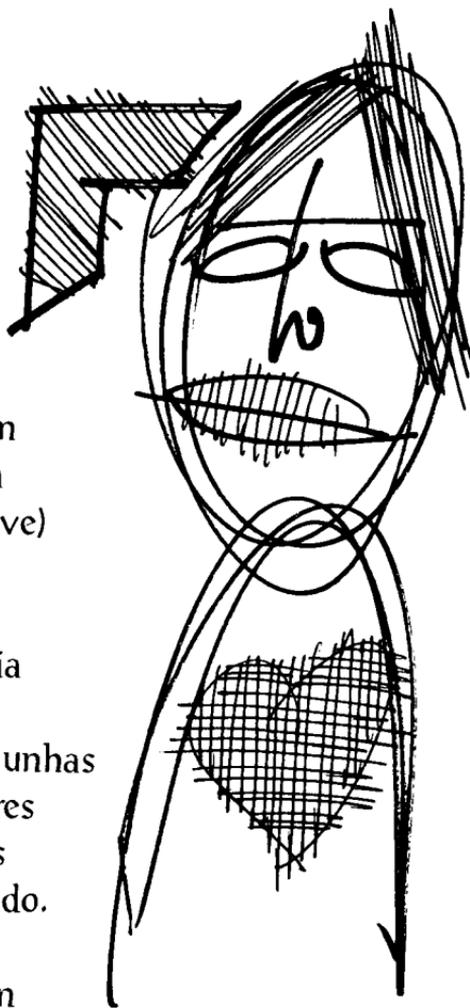


O mar cospe almirantes
nas praias noturnas:
as serras são tão sólidas
as nuvens são tão puras.

As serras são tão sólidas
ao mesmo tempo leves:
como a vida é eterna
entre momentos breves.

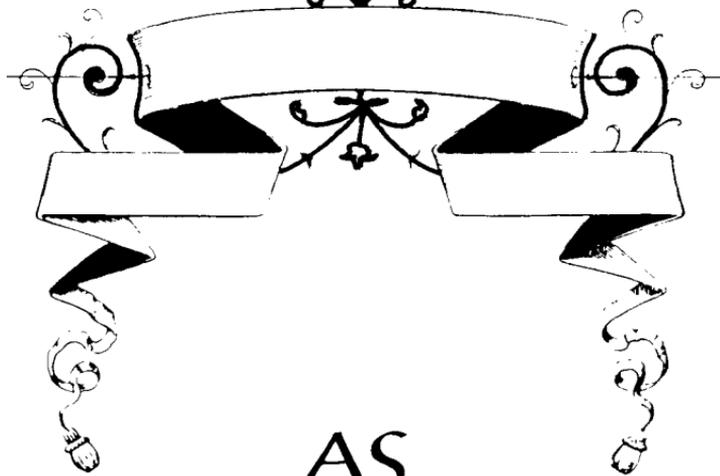
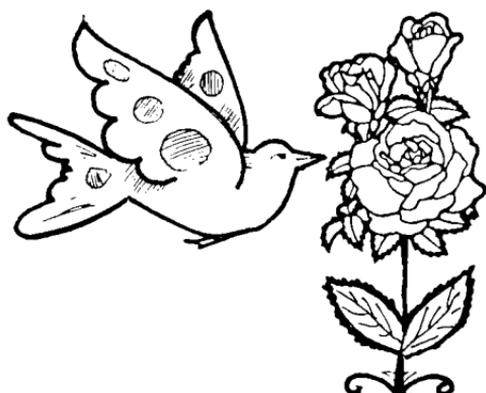
ÁLBUM

Não abrir o álbum
deixá-lo onde está
(onde sempre esteve)
sempre fechado
sempre fechado
como a mãe o fazia
- todos de casa.
O tempo gasta as unhas
o brilho dos talheres
embora guardados
com imenso cuidado.
O álbum:
um simples álbum
(não tão simples assim)
remete ao passado
duas cadeiras à sala de estar
(continuam)
balançando vazias.





MÁRIO GOMES



AS

TARDES AMOROSAS



Mário Ferreira Gomes nasceu em Fortaleza no dia 23 de julho de 1947. Concluiu o primário no Grupo Paulo Eiró em São Paulo. Terminou o secundário no Curso Humberto de Campos. Foi professor de filosofia do primário em vários grupos de Fortaleza. Passou pelo Curso de Arte Dramática da UFC sem concluí-lo. Tendências às artes plásticas e à caricatura. Tornou-se autodidata e boêmio.

| | |
|--|----|
| A PRIMEIRA ESTRELA DO FIRMAMENTO | 73 |
| POEMA À UMA MULHER ADORÁVEL | 75 |
| ANTROPOFAÇISMO | 76 |
| UNIVERSO | 77 |
| UMA VIOLENTA ORÇIA UNIVERSAL | 78 |
| O GRIOTO DE LIBERDADE | 79 |
| BANHO DE POESIA | 80 |
| EROTISMO | 81 |
| CONFESSO | 82 |
| EU SER | 84 |
| POEMA | 85 |
| AÇÃO GIGANTESCA | 86 |
| DETERMINAÇÃO | 87 |
| APÓS Nº 2 | 88 |
| PRAIA DE IRACEMA | 89 |
| POR TI | 90 |
| SAUDADE ESPECIAL | 91 |
| SÍLVIA | 92 |
| LAMENTOS | 93 |
| MEU EPITÁFIO | 94 |
| METAMORFOSE | 95 |
| PERGUNTA | 96 |

A PRIMEIRA ESTRELA DO FIRMAMENTO



Tu,
mulher absoluta e inexistente.
concreta tal a pedra

que se desmancha ao vento.

Partícula do feminismo.

Tu me enfeitiçaste com o doce olhar
dos castanhos-claros dos teus
olhos lindos.

Ah, mulher enigmática, meiga,
bela, magnífica!

Tua sabedoria de Deus e de Poeta
deslumbra qualquer homem
por mais medíocre que seja.

Oh! meu Deus, protegi esta estrela
dos males do mundo.
Tu me conquistaste amiga-irmã.
Neste instante reservo prá ti um lugarzinho
no meu sub-consciente.
(para o meu contentamento).
Tua voz, teu sorriso, teu corpo
formoso e escultural,
ecoa no infinito do meu pensamento.
Penetrar em tua vulva
seria profanação e vandalismo.
Estrela-maior.
Volúpia dos anjos.
Jamais te esquecerei.
Sou um homem trágico.
Não cruel. Não maligno.
Mas só, Sózinho.
Pórem trágico.
O privilégio de ter-te me é impossível, Que pena!
Resta-me o consolo de ter
no meu sub-consciente
o eco de tua voz, do teu sorriso,
brilhando meu pensamento
como se tu fosses a primeira
estrela do firmamento.

POEMA À UMA MULHER ADORÁVEL

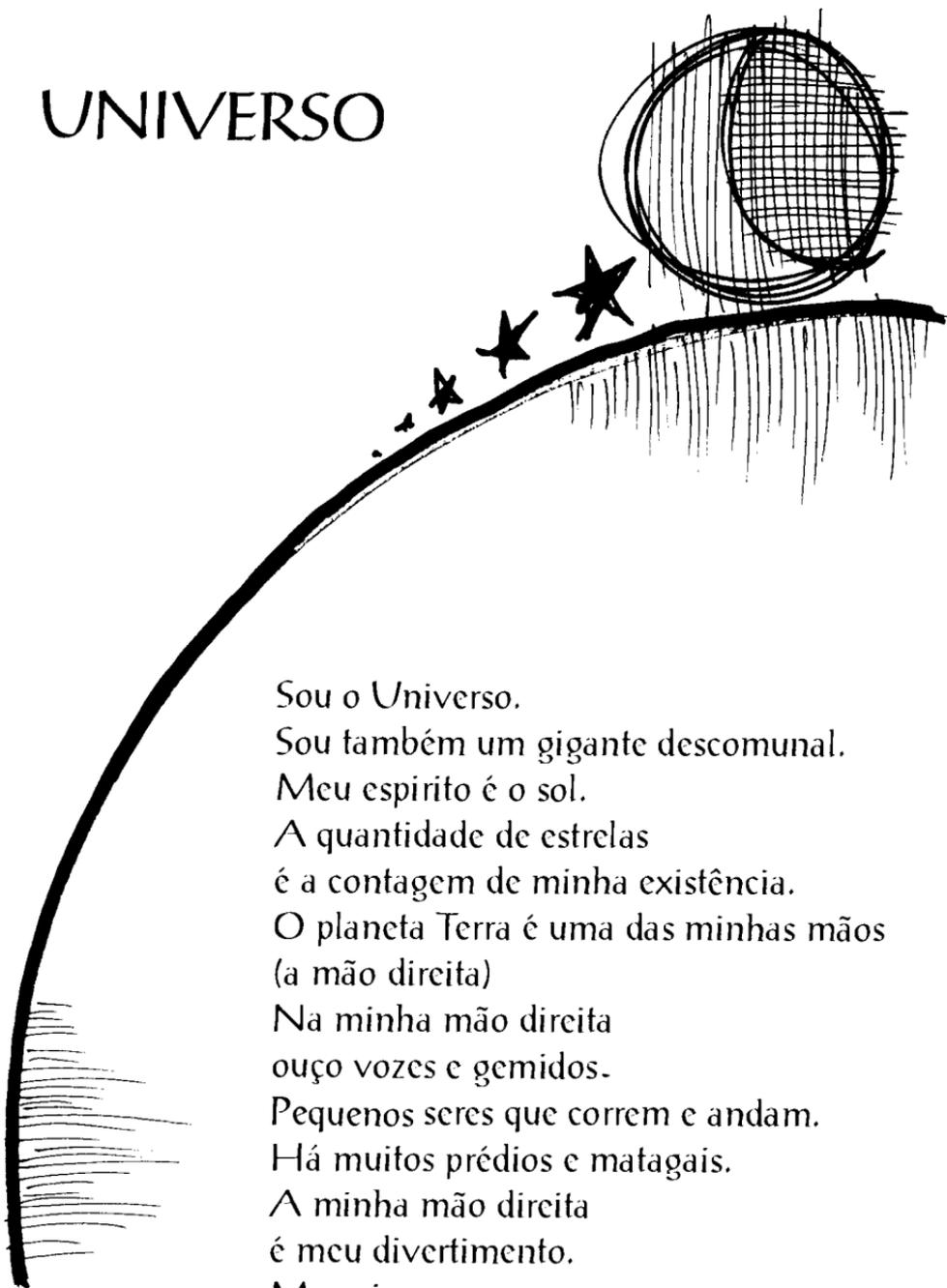
Naquela inesquecível noite
te desejei para o sexo.
E pela inconveniência do recinto
não houve a possibilidade do evento.
Mas, foi bom.
Pelo menos não temos esse sério e profundo
algo em comum.
Já sofri paixões violentas
na minha adolescência e juventude.
Hoje, não consigo me apaixonar por niguém.
Devido às grandes desilusões e decepções que passei.
Tornei-me um homem frio para o amor
(embora haja taras momentâneas).
Mas não me queixo por isso.
Pelo contrário, sinto-me feliz.
E, para não complicar,
sejamos apenas amigos.
A única coisa que eu quero de ti
é teu perdão.
Mas nem por isso deixo de te amar
como amiga-irmã e poetisa que és.

ANTROPOFAGISMO

Eu, sem ser antropófago,
já saboreei muita gente por aí.
Minhas preferências são os esbeltos
violônicos corpos femininos: a mulher.
Ah! Se a humanidade fosse toda antropófoga!
Como eu teria o prazer
de ser devorado em um banquete ou bacanal
de lindas garotas; sexis, histéricas
e eróticas.
E eu, em cima de uma mesa qualquer.
Totalmente nu. Assado ou cozido.
Recheado de cebolas, tomates e farofas.
Enquanto que Odete
espetavam os meus olhos,
que outrora foram profanos,
Judite arrancava minha língua
e mastigava furiosamente.
Depois Maria Helena pegava
uma faquinha de mesa e cortava
delicadamente meu pênis ereto
e dizia entre-dentes:
"como é gostoso esse Mário Gomes "

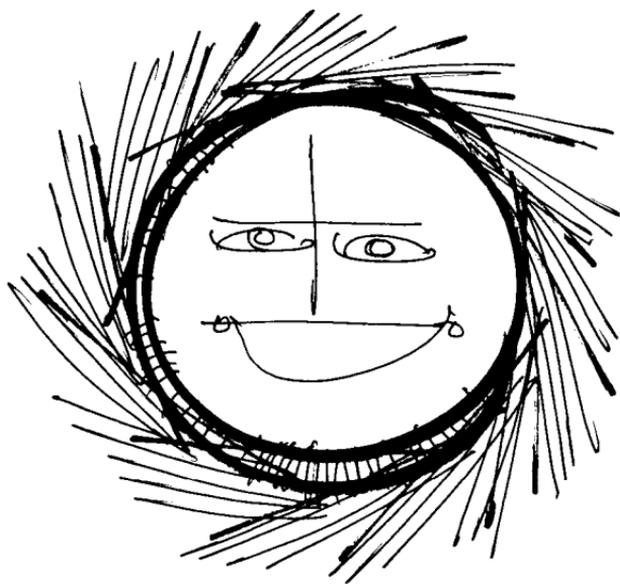


UNIVERSO



Sou o Universo.
Sou também um gigante descomunal.
Meu espírito é o sol.
A quantidade de estrelas
é a contagem de minha existência.
O planeta Terra é uma das minhas mãos
(a mão direita)
Na minha mão direita
ouço vozes e gemidos.
Pequenos seres que correm e andam.
Há muitos prédios e matagais.
A minha mão direita
é meu divertimento.
Meu cinema.
Não posso destruí-la
senão ficarei sem vida.

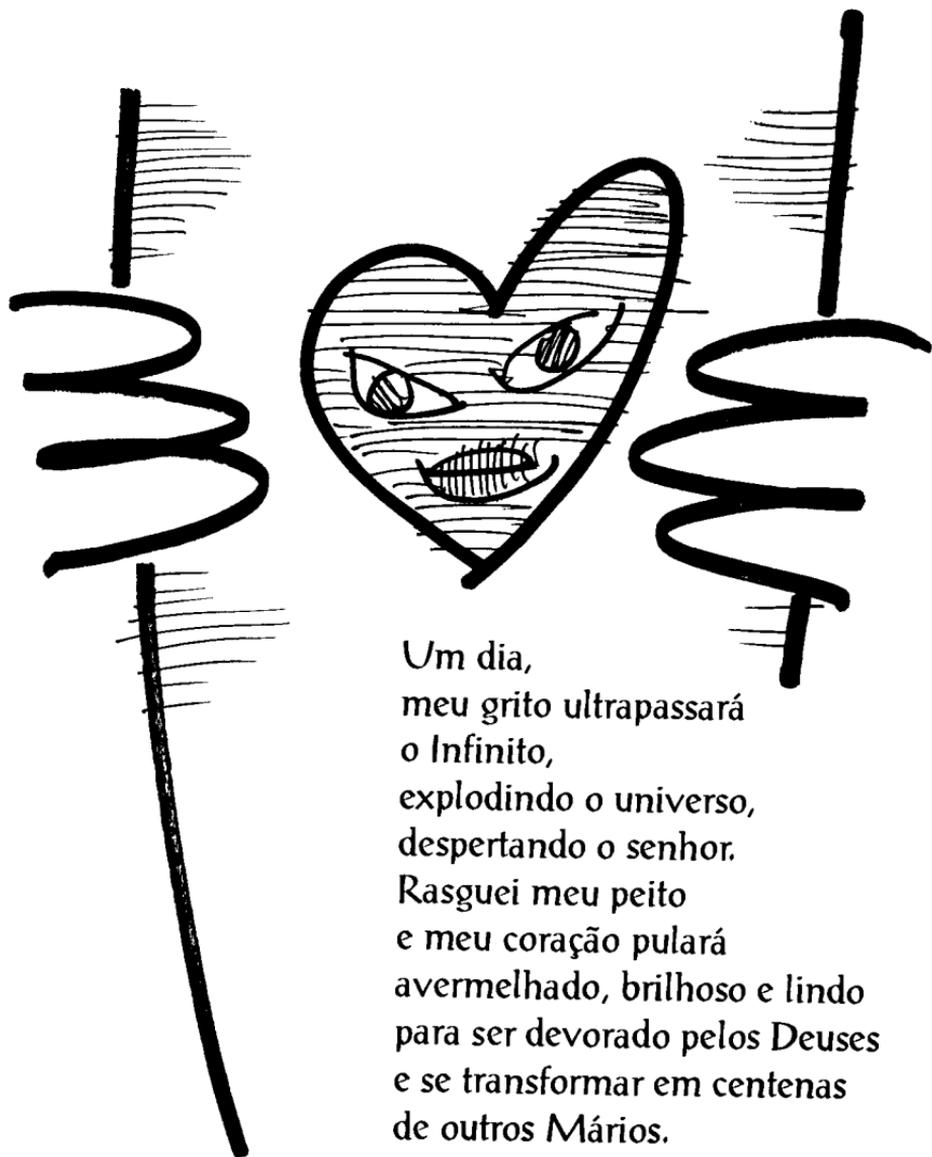
UMA VIOLENTA ORGIA UNIVERSAL



Olhei o sol.
Me irritei.
E larguei a mão na cara dele.
No qual ele ficou
desacordado por 12 horas ininterruptas.
Dei um ponta-pé nos ovos da terra.
Afastei São Jorge
e mantive relações sexuais com a lua.
Pisoteei o cadáver de satanás.
Numa esquina encontrei-me com Deus.
E saímos abraçados: rindo e cantando... chovia.

O GRITO DE LIBERDADE

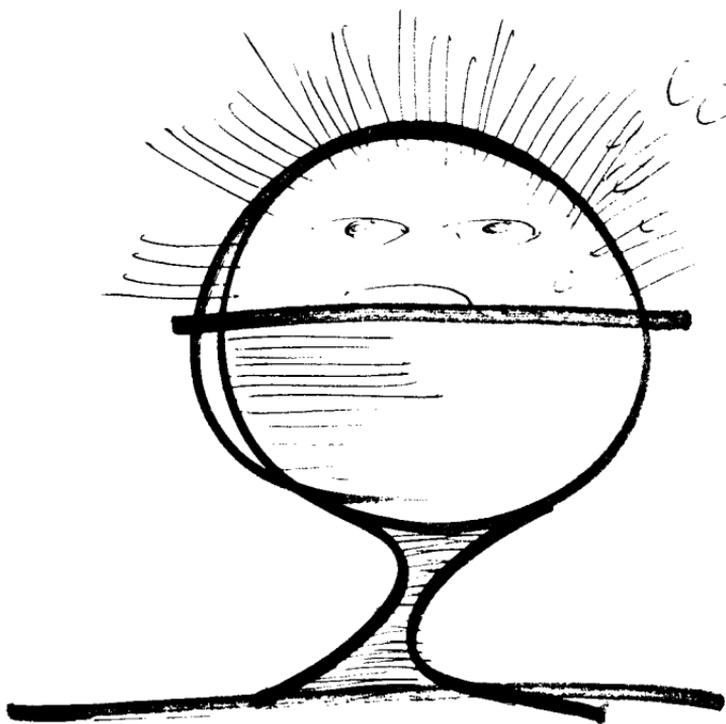
A Roberto Teles



Um dia,
meu grito ultrapassará
o Infinito,
explodindo o universo,
despertando o senhor.
Rasguei meu peito
e meu coração pulará
avermelhado, brilhoso e lindo
para ser devorado pelos Deuses
e se transformar em centenas
de outros Mários.
Aí sim, serei livre e eterno.

BANHO DE POESIA

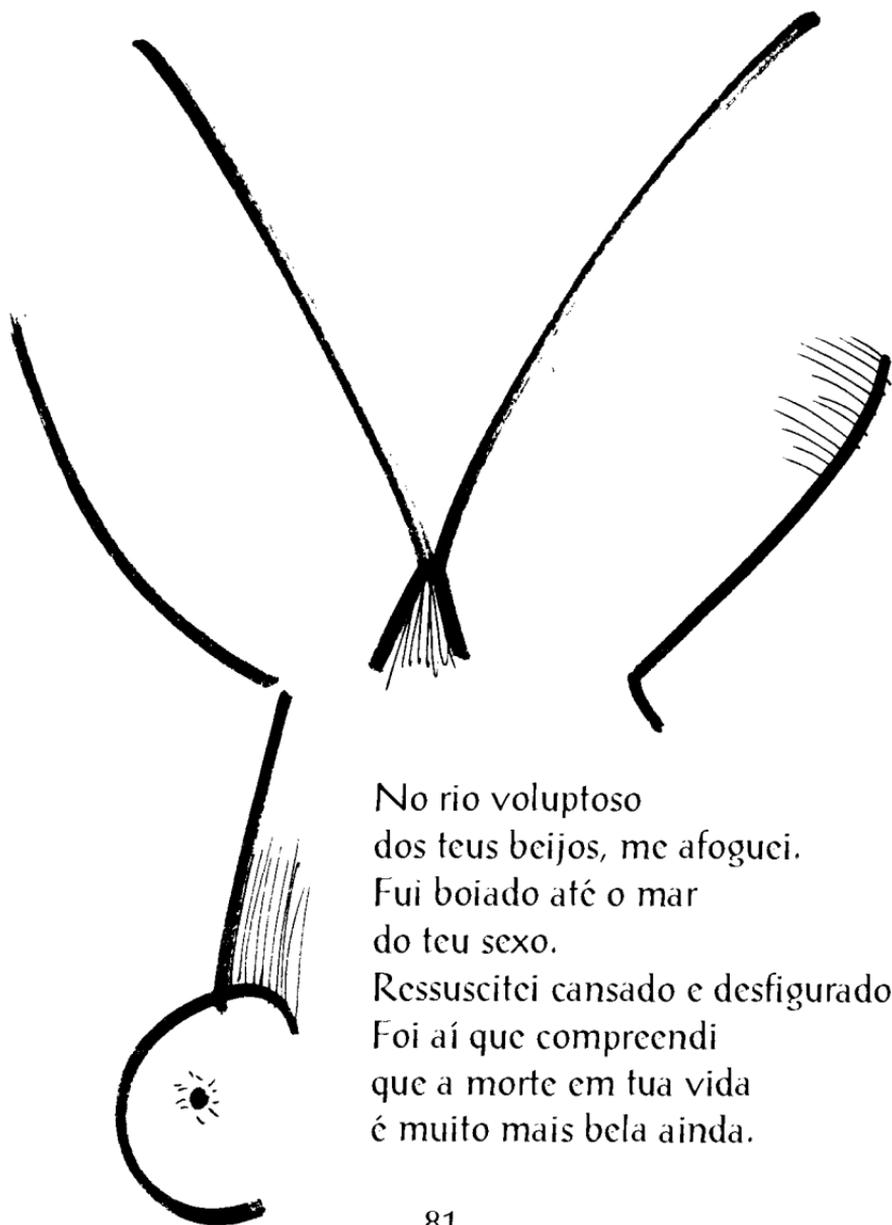
A Fernando Câncio



Tome vinho ao amanhecer.
Ao entardecer sinta
uma comoção profunda ao ver
o pôr-do-sol.
Veja no firmamento, à noite,
as estrelas riem.
Sinta a brisa da madrugada.
Pense num romance já passado.
Ouça as mais belas músicas de Beethoven.
E tome um banho de poesia.

EROTISMO

A todas as mulheres



No rio voluptoso
dos teus beijos, me afoguei.
Fui boiado até o mar
do teu sexo.
Ressuscitei cansado e desfigurado.
Foi aí que compreendi
que a morte em tua vida
é muito mais bela ainda.

CONFESSO

Confesso,
que passeava abraçado com a aurora,
enquanto que as nuvens se ensangüentavam.
Confesso, repito,
que passava em frente
ao palácio do governo baiano,
quando avistei uma base de 60 a 70 pombinhos.
E disse mentalmente:
"se tiver pombinhas nesse meio
que me acompanhem."
De repente vários pombos
vieram sobrevoar a mim
e gritei em voz alta:
"parem... parem... parem...
estava brincando"
Ai todos os pombinhos perguntaram
em voz joral: – "moço, deixa a gente
levar uma cartinha para a Sra. sua mãe?"
Eu respondi: – "me respeitem, não quero
ajuda de ninguém";
os pombinhos: – "lh! Ele é pirado!
E voaram... voaram... voaram...
E muito acima dos céus, além dos aléns,

disseram a Jesus: – "Mestre, tem um cara
na Bahia que tá pirado."

Jesus: – "Ah! Já sei.

É Mário Gomes.

Deixa prá lá.

Ele é legal.

Ele, é poeta.



EU SER



Não sei porque existo.
Aliás, nem sei se existo.
Só sei que penso e soffro.
Com meu sorriso amarelo
transmito as lágrimas incontidas
no âmago.
Tenho uma grande compaixão
pelo ser humano
e tenho pena de mim.
A minha tristeza maior
é de pensar que a morte não existe.
O futuro é sempre o presente.
E o que passa, passou.
As marcas ficam como cicatrizes
vorazes e incuráveis.
Se existo não sei.
Só sei que penso e soffro.

POEMA

Ao Stênio Freitas



Quisera fazer um poema
que falasse do amor de Deus.
Que exaltasse a beleza de uma flor.
Enaltecresse o valor das mães.
Mas não posso.

Não posso, porque

vejo um mendigo

pedindo esmolas.
vejo uma criancinha com fome.
Os jornais exalando sangue.
É por isso que não posso.
Se não faria um poema lírico, suave
como as manhãs ensolaradas.

AÇÃO GIGANTESCA

À Ana Maria Dantas

Beijei a boca da noite
e engoli milhões de estrelas.
Fiquei iluminado.
Bebi toda a água do oceano.
Devorei as florestas.
A Humanidade ajoelhou-se aos meus pés,
pensando que era a hora do Juízo Final.
Apertei, com as mãos, a terra,
Derretendo-a.
As aves em sua totalidade,
voaram para o Além.
Os animais caíram no abismo espacial.
Dei uma gargalhada cínica
e fui descansar na primeira nuvem
que passava naquele dia
em que o sol me olhava assustadoramente.
Fui dormir o sono da eternidade.
E me acordei mil anos depois,
por detrás do Universo.

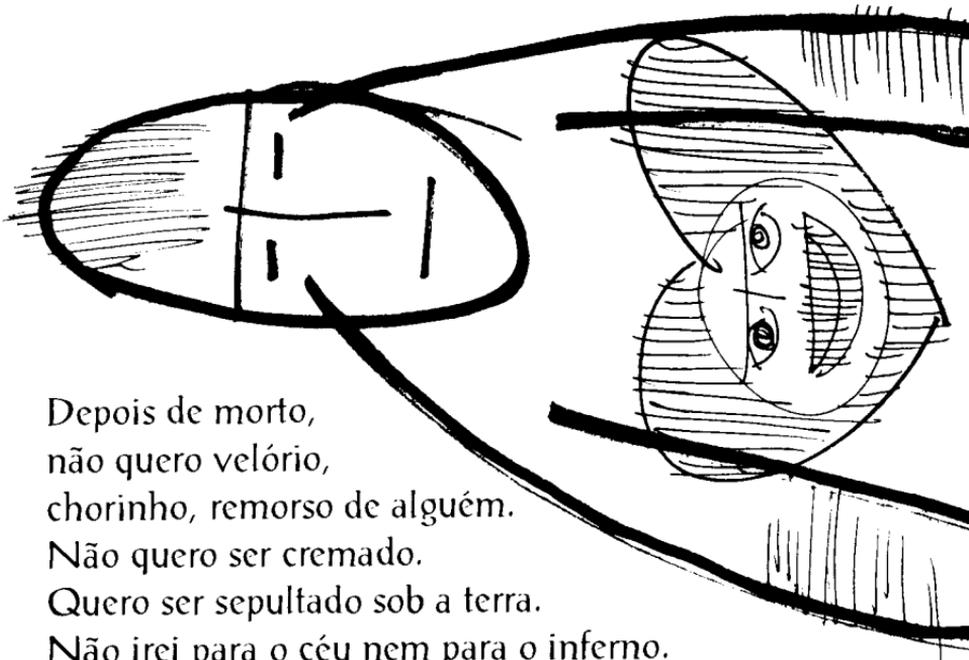
(1º lugar no festival Cearense de Poesias.)

DETERMINAÇÃO

Para o Rosemberg Cariri

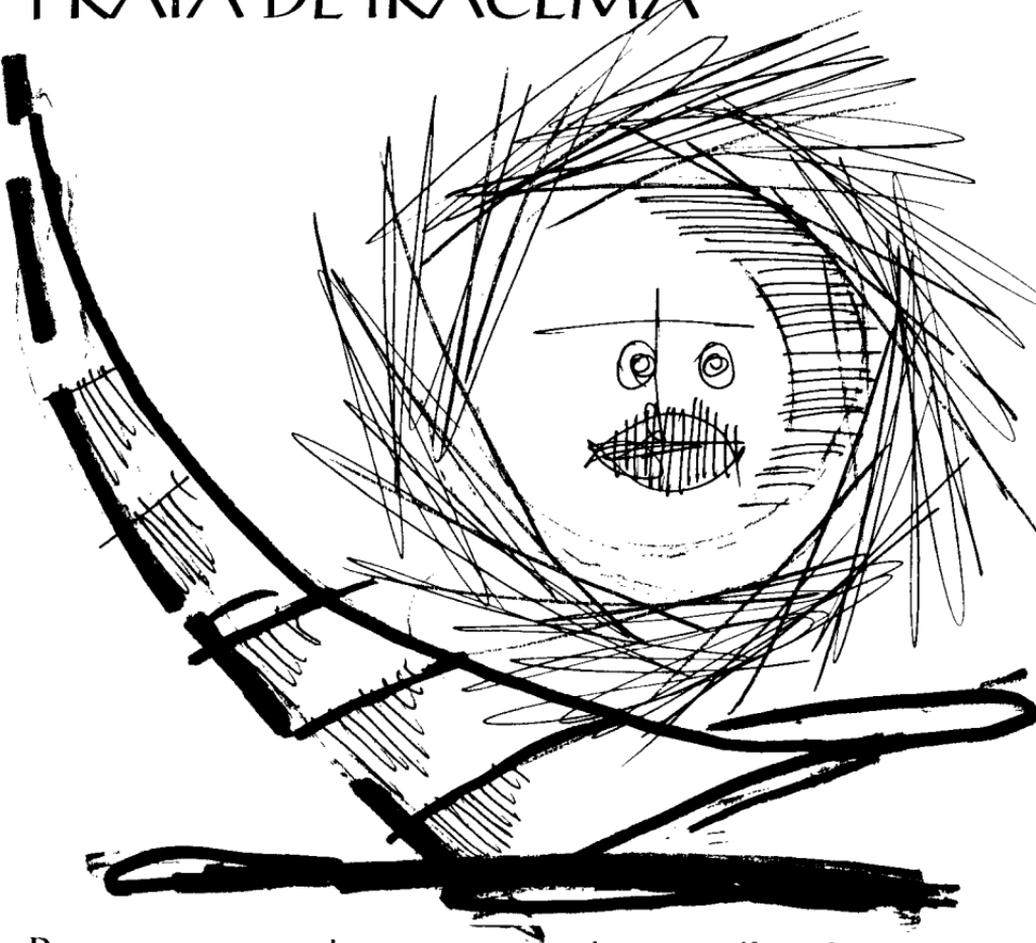
Os complôs da politicagem maldosa
e da armadilha social.
Na loucura do mundo
aos mais simples das hipocrisias
e das imbelicidades
eu me fiz maior.
Ninguém me despoetizará
Porque sou forte.
Odeio a Medicina
e amo o poder do pensamento positivo.
Bebo no cotidiano a filosofia da liberdade.
Não importa que falem de mim.
No entanto me acho mais eu.
Pobre daquele que se humilha e se prostitui.
Maldição para os covardes.
Senhores ladrões, malfeitores e criminosos
eu vos condeno à exterminação.
Respeitai as formiguinhas
porque a mulher sofre quando ri e quando chora.
E assim me determino nesta passagem
pela vida e pelo mundo.
(3º lugar no VIII Festival Cearense de Poesia)

APÓS Nº 2



Depois de morto,
não quero velório,
chorinho, remorso de alguém.
Não quero ser cremado.
Quero ser sepultado sob a terra.
Não irei para o céu nem para o inferno.
Meu espírito...ah! Esse sim, irá vagar o infinito.
Meu pobre corpo. Esse enorme espermatozóide crescido...
Oriundo de uma trepada, de uma putaria,
será devorado pela bicharada à toa.
Poxa! Já pensou... eu, morto cheio de carne, gorduras
e outras porcarias, ser motivo
da alegria inconsciente dos bichos
dos vermes, num verdadeiro bacanal.
Por vários dias e noites.
Eu, ali... Inerte. Feliz talvez.

PRAIA DE IRACEMA



Pouco a pouco, desaparece o sol, mergulhando no horizonte.

Deste lado, o céu e o mar se cobrem de ouro e sangue.

É um momento de beleza e esplendor

que ser vivente nenhum poderá botar defeito.

A emoção é tão imensa, que quem o vê, fica estático, dócil e sereno.

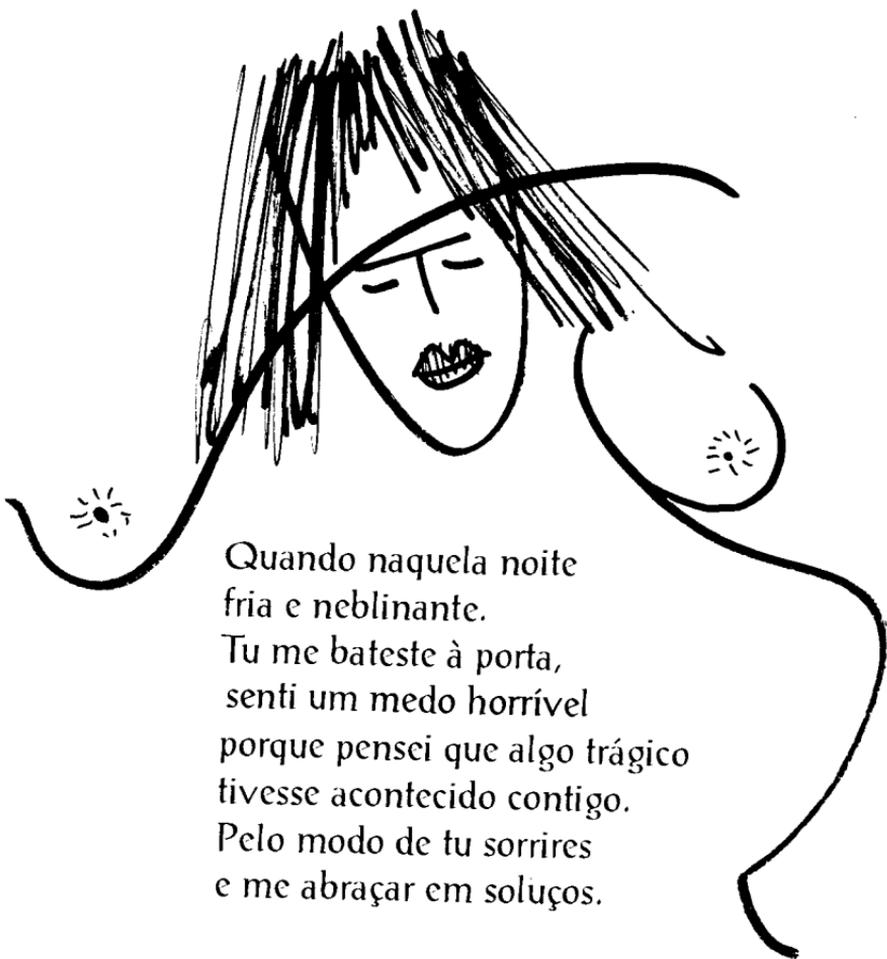
É assim o por-do-sol da ponte metálica da Praia de Iracema.

POR TI



Por ti, moça,
andaria mil quilômetros.
colheria rosas para ti
ofertar a todo momento.
Plantaria centenas de árvores.
Mergulharia no oceano
para cumprimentar os peixes.
Por ti, moça,
levaria a Deus os pecados do mundo,
e traria de lá o amor
infinito quanto às estrelas.
Por ti, enfrentaria toda a humanidade
pra te defender.
Nestes recantos verdes
onde o segredo é o próprio segredo
que leva a vida em legiões de vidas
e eu e tu seríamos um só sem perplexidade.

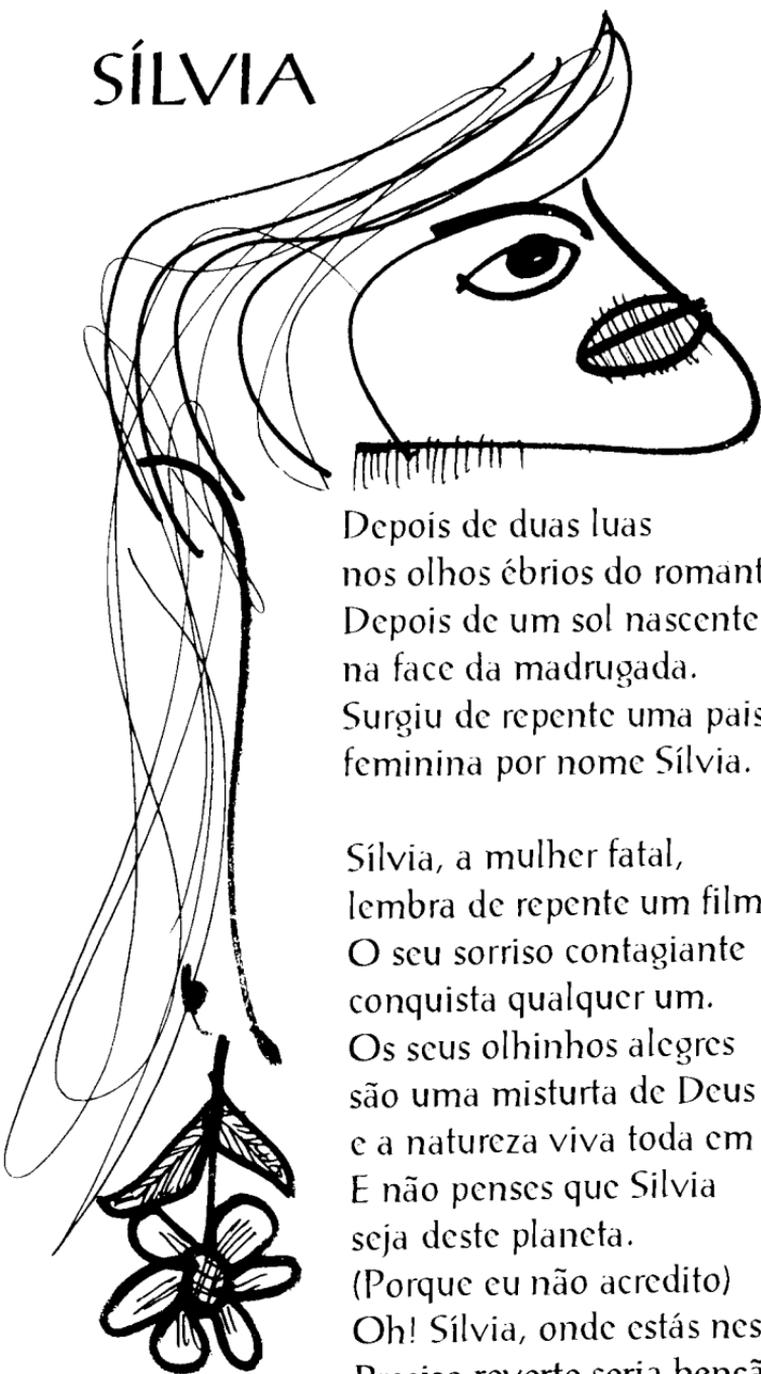
SAUDADE ESPECIAL



Quando naquela noite
fria e neblinante.
Tu me bateste à porta,
senti um medo horrível
porque pensei que algo trágico
tivesse acontecido contigo.
Pelo modo de tu sorris
e me abraçar em soluços.

Mas quando tu me disseste
que era somente para matar
a saudade cruel que te martirizava,
me senti duas vezes homem.
Ao te oferecer uma dose de bebida qualquer,
foste logo tirando as vestes.
Então compreendi tua saudade.

SÍLVIA



Depois de duas luas
nos olhos ébrios do romantismo.
Depois de um sol nascente
na face da madrugada.
Surgiu de repente uma paisagem
feminina por nome Sílvia.

Sílvia, a mulher fatal,
lembra de repente um filme de amor.
O seu sorriso contagiante
conquista qualquer um.
Os seus olhinhos alegres
são uma mistura de Deus
e a natureza viva toda em flor.
E não penses que Sílvia
seja deste planeta.
(Porque eu não acredito)
Oh! Sílvia, onde estás nesse momento.
Preciso revertere seria benção dos Deuses.

LAMENTOS

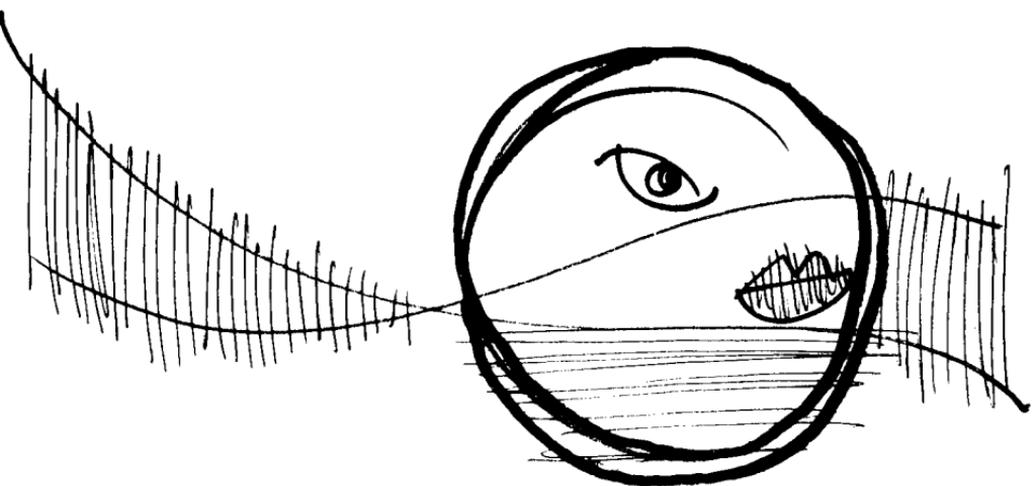
Às vezes
quando eu ponho os pés
debaixo de uma mesa,
e sobre ela uma garrafa
de bebida qualquer,
lembro-me que "Vinícius"
disse em poesias que
"da calma se faz o vento".

E partindo desse princípio
tomo só uma dose de álcool
e saio cismando para que meus
nervos egocêntricos
não se transformem em ventanias.

E arrastando meu pesado corpo
de anos já vividos
e menos de alguns já destruídos
vago pelas ruas prostituídas de Fortaleza
e acendo com o fogo do dia
meu cigarro de veneno.

MEU EPITÁFIO

Já que a Natureza
me trouxe chorando, deixai, ô morte!
que eu morra rindo de ti!



METAMORFOSE

Ontem, ao meio dia,
no almoço,
comi um prato de lagartas,
e passei a tarde
defecando borboletas.

PERGUNTA

“O que vale,
ao homem sob a terra,
a fama eterna”?



UM PEQUENO DESEJO

Ah! Quem dera fosse uma Águia.
Seduziria uma bela Çaivota.
E no decorrer do tempo,
De pleno acordo com o líbidinismo,
gozo e luxúria,
surgiriam centenas de Colibris.

Um milheiro de exemplares deste livro, composto em
Prose Antique corpo 12, com variações em Times
Roman corpos 10 e 12, impressos sobre papel
off set Apergaminhado White Star 75grs/m2
capa 180grs/m2, formato 140mm x 210mm
acabaram-se de imprimir aos 10 de
setembro de 1995, em máquina
off set CATU 660, na Gráfica
Impressora São Benedito,
em Fortaleza - Ceará.

Brasil

